

APRESENTAÇÃO

Abre este número 20 (vinte) da *Revista Argumento*, a coletânea que reúne os contos escritos em Língua Portuguesa participantes do certame do I Concurso Nacional de Microcontos promovido pelo curso de Letras do Centro Universitário Padre Anchieta (Jundiaí-SP). Participaram alunos do curso, além de muitos leitores e interessados pela escrita e literatura, moradores de diferentes paragens do Brasil. O microconto vencedor abre a coletânea, e surpreende não pela concisão manifestada no número de linhas e caracteres, formato convencional para atribuição do caráter de ‘microconto’, mas, antes, pela concisão acompanhada de precisão e argúcia da ideia; e eis que temos “In Memoriam”, de Ana Cláudia Álvares de Souza.

Do idílio da literatura para a seção de artigos, Paulo Pereira propõe a discussão acerca do ensino da língua materna sob a análise dos usos das teorias que circulam na praça no momento desta publicação. N’“As metodologias de ensino de língua materna e as teorias linguísticas contemporâneas: uma interseção necessária” observa-se a inquietude de quem participa das ações e atividades da sala de aula acompanhada das dúvidas e questões impostas ou propostas pelos teóricos da linguagem, deixando ao final o espaço aberto para outro vies, aquele que contemple a observação não apenas de uma aclimatação das teorias ao solo e práticas nacionais, como também da validade da discutibilíssima ideia de “aplicação” de teorias, ao invés de tomá-las, por que não, apenas como lugares para organização do pensamento que servirá de parâmetro para o “pensar a prática”, seja ela docente ou demais áreas de atuação profissional. Uma espécie de “pensar o trabalho”.

A Loucura em A Senhora Obscena D discute o texto de Hilda Hilst, nome das nossas letras que escapa, ainda, a alguns de nossos leitores, apesar da engenhosidade da obra desta

escritora morta em 2004. Amanda Jéssica Ferreira Moura, estudante do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, tem a coragem de enfrentar essa literatura que apesar de desconhecida da massa, já recebeu estudo de nomes da envergadura de Álcir Pécora. Certamente que o olhar de Jéssica fixou-se na escrita do artigo também como experiência de leitura e conseqüente aprendizado para formação intelectual, num processo que não conhece a velocidade alardeada pelo “tempo presente, dos homens presentes, da vida presente”.

Outras estudantes da graduação enveredaram pelos caminhos da pesquisa, desta vez no campo da Psicologia. Sob orientação da Profa. Dra. Lívia Márcia Batista de Andrade, o “Transtorno do Pânico: considerações psicanalíticas” é tratado no estudo também proposto pelas alunas Cleunice Santos Guedes e Fernanda Gregghi Visnadi, encerrando esta edição da *Revista Argumento*.

Rutzkaya Queiroz dos Reis

Coordenadora da Revista Argumento

***AS LETRAS EM BUSCA DE ESCRITORES:
O I CONCURSO NACIONAL DE MICROCONTOS UNIANCHIETA***

O I CONCURSO NACIONAL DE MICROCONTOS UNIANCHIETA, embora em sua primeira edição, vem de uma tradição interna do curso de Letras em realizar certames literários envolvendo até então apenas os alunos da instituição. No ano de 2010, no entanto, no interior de um projeto de expansão e desenvolvimento do curso, que projeta uma maior visibilidade e também pesquisa modos de intervenção e impacto da área na sociedade, a coordenação, na pessoa da Profa. Rutzkaya Queiroz dos Reis, decidiu abrir as inscrições nacionalmente, publicando edital e convidando corpo de jurados especialíssimo, para compor a banca encarregada de selecionar os melhores inscritos, nas três modalidades propostas: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Língua Brasileira de Sinais.

Mais do que apenas premiar talentos esporádicos, como se escrever e se inscrever em concursos fossem apenas ações simples de uma inspiração qualquer e descompromissada, passatempo mesmo, o concurso nasce com uma proposta bastante definida e efetiva de apresentar e consolidar escritores. E mais do que isso, repropor o curso de Letras como aquele que os apresenta e, em uma possibilidade mais ambiciosa: como aquele com disposições específicas de os criar.

É neste sentido que o modo microconto, como aquele capaz de trazer em si aspectos da lírica e da narrativa densa do conto, parece ser, neste primeiro momento, a forma literária que melhor investiga o escritor que maneja criativamente a plasticidade das possibilidades linguísticas e imagéticas que a língua em que se escreve oferece.

Melhor do que apenas traçar teorias e conceitos, é ler os textos inscritos que se dão a ver aqui como uma primeira tentativa de propagar a direção inaugurada pelo nosso concurso,

vislumbrando sua consolidação já em sua segunda edição.

Jaqueson Luiz da Silva

IN MEMORIAN

(Clara Devi)

Atendi ao telefone e recebi a notícia, que nunca mais comeria amoras lavadas pela avó.

LEMBRANÇAS ESQUECIDAS

(Oscar Welsch)

Sentado aqui neste terraço, ouço os bem-te-vis cantarem ao relento. Ouço o som que as copas das árvores fazem ao abraçarem as rajadas do vento. Ouço o trotar das formigas que trabalham sem receber o décimo terceiro. Neste degrau de madeira antiga vejo-a brincar no gramado.

Dizem algures que para ser anjo é preciso um par de asas de penas brancas e uma auréola sobre a cabeça. Que é preciso brotar do canto da parede com uma luz dourada às costas. E que precisa vir do céu. A que conheci não tinha asas, mas voava. Não tinha auréola, mas cabelos reluzentes. Pelo menos veio do céu.

Aquele sorriso perfeito, a abrir os braços, deitada feito criança, daquelas que na grama se jogam e estateladas ficam, sem se importar com nada. Tem vezes que me vejo abraçar-me a ela, e posso sentir o perfume dos incensos de rosas amarelas que vem da sala.

Lágrimas teimam em sair de casa escondidas. Eu sabia desde o começo, mas preferi fingir esquecer. Daqueles dias só pude me lembrar de quem deixei de ser. Ela nunca me deixou. Como nunca desistiu de voar. Sempre viajou em seu oceano de lembranças azuis. Velejou em seu alto mar, em barquinhos feitos de algodão, em verdadeiras nuvens.

E tem estes dias em que encontro um canto para me lançar ao sossego. Sento neste degrau em frente à porta. E fico a viver os dias de outrora. Até que a campainha toca. Levanto-me correndo, feito criança quando sabe que tem coisa boa d'outro lado da porta.

Sempre que dá ela vem me visitar. Sim, ela sempre vem. Porque na verdade ela nunca se foi. E quando ela chega, chega sempre acompanhada. Me pega pela mão e me convida a

sair. Aponta ambos os braços aos céus, mira os olhos nos meus e diz “deixe que as ‘estrelas’ te guiem, filho amado.”

- Mas, pai... Estrelas não se mexem!

-Saiba ouvi-las, filho. Saiba ouvi-la...

DEPOIS DO CLASSIFICADO

(Maria Regina M.)

No jornal, um anúncio incomum recorre aos olhos dos leitores assíduos de classificados. A busca por pessoas que se interessem por contar a própria história de vida, explicada junto de um telefone e um endereço.

Triste é não saber o que, instantaneamente, motivou aquelas pessoas a ir até o lugar marcado. Assim, passa-se agora a contar o que ocorre dentro da sala de conversa.

A fila não era muito grande. Apenas sete ou oito pessoas. Grande era a ansiedade desses indivíduos corajosos.

A primeira pessoa da fila é chamada e convidada a se sentar no palco, de frente para a plateia; vazia. A mulher, que foi chamada, ao se sentar recebe recomendações de contar um pouco sobre a sua vida segundo o próprio ponto de vista. Disseram também que não era preciso se importar por estar falando sozinha, pois tudo seria gravado e analisado posteriormente.

Desejável seria ler os pensamentos daquela mulher... Depois de suspirar profundamente, inicia o monólogo ao dizer “bom dia” inúmeras vezes, e em bom som. Queria ela começar o dia diferente dos outros. Queria produzir eco e receber de volta um “bom dia” animado que nunca escuta nas manhãs convencionais.

Aquela mulher queria apenas ser feliz e ninguém havia lhe dado um manual que ensinasse o que fazer. Ela prossegue o monólogo contando que é uma pessoa forte, que não desiste, que é inconstante e que se irrita facilmente. Ela confessa não entender as pessoas, e acha que não é compreendida pelo mundo. Diz chorar por qualquer história de amor. Se sente

arrependida por não ter feito certas coisas, que não revela e que alega não gostar de lembrar.

Não esconde a vontade de morrer e nascer de novo, em uma nova vida.

Ela fala, fala, fala. E para de falar apenas para conter o choro, que vem de súbito.

E ela conta da filha, do trabalho, dos sonhos realizados (foram poucos) e daqueles que continuam apenas sonhos (são muitos)...

Acaba seu tempo máximo e ela se irrita por ter ainda muito mais a contar. Pouco se importa por ter falado sozinha por uma hora. Levanta-se e sai, com os pensamentos mais leves, ainda que com os mesmos problemas. Não se preocupa em receber pagamento por ter feito revelações particulares ao vazio.

O segundo da fila é chamado, mas ele já se foi. Assim como o terceiro, o quarto, o quinto... Apenas o último dos integrantes da fila não desistiu e não achou muito longo o tempo de espera.

Para ele não fazia diferença esperar nesse lugar desconhecido, ou esperar na rua. Há muitos anos vive a espera de uma nova vida. Senta no palco e conta, durante uma hora, sobre a vida que sonha ter.

O homem, graciosamente, diz que gostaria de ter problemas no trabalho e contas da família para pagar. Desejava ficar em dúvida sobre qual o presente dar aos filhos e queria ter a esposa nos braços e não nos sonhos.

Ele sonhava com uma vida que não fosse um pesadelo real. Para explicar, ele apenas diz que perdeu a mulher e os filhos em um acidente e que depois disso se considerava um homem morto.

Saiu daquele lugar como entrara, mas quem assistir ao que ambos os personagens contaram sentirá o contraste entre os relatos.

Enquanto a mulher reclama do que tem e que lhe gera problemas, o homem sofre por ter perdido tudo.

São apenas duas amostras dentro dos inúmeros personagens que são abrigados pelo mundo. Fica-se a imaginar quais seriam as histórias de vida daqueles apressados que desistiram de aguardar na fila.

Se o final esperado era saber quem colocou aquele anúncio no jornal, o leitor não deve desanimar. Talvez fosse um escritor, um ator ou qualquer outro disposto a perceber o quanto pessoas muito parecidas sofrem e reclamam por dores e motivos substancialmente diferentes.

NA MEDIDA

(Margarida Diniz)

Abri o dicionário e a palavra do dia surgiu: *incomensurável*. O seu significado, literal, desfiava-se: “que não se pode medir; imenso, desmedido, descomunal; imensurável”. Precipitadamente, concluí que a minha tarefa não seria árdua. O jogo era muito simples: todos os dias eu me impunha o desafio de usar uma palavra nova na conversa diária. O ritual era sempre o mesmo: chegar ao trabalho pela manhã, abrir o dicionário ao acaso e escolher uma palavra que, habitualmente, não fizesse parte do meu vocabulário. Nem sei explicar ao certo como este jogo teve início, elucidado, no entanto, que não havia nenhuma nobre intenção em ampliar meu repertório linguístico ou coisa do tipo. O fato é que, surgindo despreziosamente, essa brincadeira instaurou-se em meu cotidiano, tornando as conversas corriqueiras cada vez mais saborosas.

O desafio do jogo consistia em esperar o momento exato para usar a palavra escolhida, pois era a regra que esse uso não fosse imposto aos diálogos, mas que coubesse naturalmente neles, passando quase imperceptível aos ouvidos menos atentos e brindando de glória o vencedor. Era o meu risco diário, ao qual eu, intemente, lançava-me por inteiro.

As conversas do dia começaram a acontecer e entre papéis, cafés e muitos números minha ansiedade aumentava. Eu precisava estar atento, pois muitas vezes a oportunidade era única e deixá-la passar era um risco que eu não poderia correr. Poucas vezes eu cheguei a uma tarde sem ter usado a palavra do dia. Recordo-me de que isso só aconteceu com três palavras: *ventura*, *circunspecto* e *aplausível*. Essas só me renderam louros vespertinos. Mas nunca acontecera de não conseguir usar uma palavra. Elas sempre cabiam magistralmente em algum

enunciado.

A verdade é que este dia foi recheado de quase oportunidades. E esse quase era meu tropeço, meu obstáculo intransponível num dia em que uma palavra não encontrava sua frase. Essa série de quases que se sobrepunham me esmagava. Quanto mais eu conversava, mais eles apareciam, distanciando-me de minha vitória *quase* certa.

Já está com vontade de ir almoçar? E eu poderia dizer: Com uma vontade incomensurável! Mas seria mentira, puro oportunismo, já que eu nem gostava tanto assim de comer. Comia apenas por que tinha de e não por gosto em fazê-lo. Não, não seria natural e nem verdadeiro e eu não poderia roubar no meu próprio jogo.

Durante o almoço um amigo me falava de seus estudos, contava dos trabalhos, professores, provas. E eu pensei em dizer: O estudo tem uma importância incomensurável na minha vida! Mas não, não era sincero. Eu estudei pouco, com excessos de desânimo e sempre querendo que tudo findasse o quanto antes. A palavra mais uma vez não cabia.

As horas corriam durante a tarde. Eu atento. Atento e tenso. Não surgiam oportunidades e isso começou a me preocupar seriamente. Será que pela primeira vez eu perderia no meu próprio jogo?

Incomensurável... incomensurável...quanto mais pensava na palavra, em seus significados, menos eu conseguia encontrar uma situação apropriada para dizê-la. Tive ímpetos de roubar no meu jogo. Ficava elaborando frases em meus pensamentos e pensava em criar uma oportunidade para dizê-las. Não tive coragem de ir até o fim. Aquelas frases não encontravam lugar na minha voz e eu permitia que morressem.

Fui embora do escritório derrotado. Ainda não havia provado esse desgosto, tão diferente do sabor de vencer. Em minha cabeça todas as palavras escolhidas ao acaso se

misturavam e eu me lembrava de outras muito mais difíceis que me permitiram vencer. Por quê? por quê? - eu me perguntava enquanto seguia para casa.

De volta ao lar, olhava tudo tomado pela angústia. Será que eu ainda conseguiria vencer? Haveria alguma chance para mim? Minha mulher, meus filhos, o jantar. Esse cenário já conhecido começava a se encher de conversas e a minha esperança novamente tomava vida. Aguardava uma possibilidade redentora. Mas ela não vinha. Todos saíram da mesa e o silêncio calou a palavra.

Tomei banho e fui deitar. Minha mulher deitou-se ao meu lado, deu-me boa noite e dormiu. Meu pensamento ainda me consumia. Incomensurável... Incomensurável... Incomensurável... E, então, o veredicto: perdi. Perdi no jogo. Num jogo em que até então eu só havia ganhado. E foi o fim. Decidi não jogar mais. Não queria sentir esse dissabor outra vez. Há coisas que devem permanecer sempre no escuro. Eu não gostei do que vi neste dia.

A GAROTA APAIXONADA

(Verônica Nickel)

Estava parada. Os suspiros de ansiedade haviam cessado. Meia-noite e três. Exatamente o horário em que se tornaria mulher. Era um quarto escuro com cheiro de lavanda barata e com pernilongos irritados. Ela olhava cada canto daquele cômodo querendo não estar lá. Parecia um bicho acuado que sai do ventre da mãe e aprende que o mundo é tão igual uma placenta: cada um tem o seu lugar!

As buzinas dos carros na rua deixavam-na entediada. Talvez o medo de estar ali a fizesse querer um pouco de atenção. Era jovem. Tinha lindos cabelos dourados e uma pele que a seda inveja. Suas lanternas faciais mudavam de brilho a todo instante. Magra. Não tinha muito a oferecer. Quase feia. Uma mistura de beleza estranha com feiúra passageira. Talvez fora essa inconstante que despertara o interesse de Otávio; um homem não tão velho, mas já não era moço, cujos cabelos, com faíscas de neve, e seus olhos, de falso fascista, incendiavam o interesse de toda mulher. Ele tinha muito a oferecer...

E era o silêncio daquele quarto (cheio de vontades alheias) que aproximava os dois estranhos. Otávio mira para a cama e desenha o corpo da garota que o acompanhava. Ele era só desejo.

Em um simples segundo, o homem se atreve a olhar para a garota. Ela tenta resistir à situação, mas um vento veraniço a distrai e os dois olhares casam-se. Uma perfeita sinfonia!

- Sou virgem!

A jovem já não se sentia mais entediada. Abaixa a cabeça e concentra seus olhos ao pé.

Destemido, Otávio arrisca uma palavra. Sem efeito. As luzes luminosas do outdoor da rua emprestavam charme de sereia à garota.

Ele não era mais só desejo. Agora pedia por sangue, pele, contato. Ela tinha sentimento. E foi por um maldito descuido que Otávio observou o quarto. Lâmpadas brancas e lençol vermelho; um pequeno abajur âmbar. E, enfim, o que lhe deixava inquieto; uma garota feia que o encantava em todo pensar. Uma garota virgem!

Sem perceber, Otávio se aproxima da jovem, que agora estava sentada na cama e cantava baixinho uma música desconhecida; ele leva sua mão ao rosto dela e imagina situações. Era doce o momento. E Otávio sente um amor que desmonta todo o horror guerreiro. A vida lhe parecia um doce de caju que desmancha na boca de criança teimosa.

- Faço das minhas palavras poucas para o sentimento. Deixaria todo o mau humor rico e ficaria com o carinho simples. Eu estaria disposto a me jogar neste fogo puro e me queimar de arrependimento, se necessário. Infelizmente, já não sou digno de olhar para tua pureza e te desejar. O que me encanta é o teu pudor, tua candura, o teu corpo sem pecado...

Otávio estava enfeitiçado pela garota. E isso o deixou fraco, covarde. Levantou-se da cama, pegou sua jaqueta e saiu batendo a porta. Sua atitude doeu na menina como uma facada perversa de um homem rude, maldoso.

Ela estava lá. Parada. Escutando o sentimento. Tinha esquecido como era sentir uma paixão momentânea. Era como um lapso de fraqueza que corrompe todo o sentimentalismo puro que ainda não conhecia na terra. Agora não era mais pele e isso parecia bastar-lhe. Aqueceu o fogo da sensação de se sentir viva. Foi o momento mais intenso que tivera durante aqueles vinte minutos de pura farsa. Algo que parecia durar para sempre e que queria há muito tempo. Mas tudo estava virando pedra e ela não conseguia mais ser sentimento.

No entanto, o seu amor palpitava a todo instante sem deixar rabiscos. Sua alma se cobria de ódio e sangue por gostar do momento e querer apenas ser, apenas ter. Cada suspiro que tivera no seu ouvido fora um êxtase de luxúria repentina de todo prazer que lhe fazia mal, e bem. E parecia que entrava, enfim, numa vida oposta e ao mesmo tempo interessante. Gostava e não gostava...

Com esforço angelical, a garota se levanta e se aproxima da saída do quarto. Ainda podia sentir a fragrância do homem que estivera lá. Ela encosta-se à porta, como se estivesse pronta pra fazer amor naquele exato momento. Sente o orvalho. E depara-se apaixonada.

- É como se o destino, que tinha uma escolha, optasse por fugir. Desmontar, refrigerar e, enfim, congelar tudo o que passou. Percebi que sentimentos vêm e vão. Já quero esquecer seu nome, o seu cheiro, o seu corpo...

Agora a garota estava caída. Pronta para ser devorada pela rua. Era meia-noite e meia. O quarto expirava lavanda barata. Aquele lugar estava sujo de sentimento puro, rápido e que nunca havia experimentado o sexo. Ali, estava um momento raro.

INSÂNIA INSENSATA

(Estrela)

Numa formosa tarde de primavera, lá estava ela novamente olhando as fotos do álbum do seu antigo casamento. Insistia em vê-lo toda semana. E não tinha uma vez que não soltava amargas lágrimas da saudade que sentia daquele período de sua vida. Sabia que não tinha mais volta, no entanto, não conseguia mudar o que sentia. Seus filhos já tinham se cansado de falar para ela não chorar mais por aquela situação. Eles entendiam a decisão dos pais e achavam que sua mãe deveria construir uma vida nova. Para os familiares e amigos, Stella estava ótima e já havia superado o trauma da separação, mas, na verdade, ela sabia fingir muito bem, porque a ruptura ainda era demais para si mesma. Não aceitou.

Já fazia anos que haviam se separado. O ex-marido, bom de papo, sempre estiloso, alegou que se casaram muito jovens e que, depois de vinte anos, estavam muito diferentes um do outro. Stella, ao concordar com a fala do parceiro, aceitou a separação no mesmo instante, pensando que ele mudaria de ideia algum tempo depois. Não mudou. Anos se passaram e ela ainda esperava que ele voltasse arrependido. Não voltou.

Então, Stellinha, como era chamada pelos familiares, para alimentar o sentimento que tinha pelo amado, procurava resgatar o pouco que podia para sentir seu cheiro, ouvir sua voz, sentir sua presença. Sempre que ia à cidade, passava em frente da casa onde ele morava. Ficava sentada na calçada por longos minutos, observando se alguém não saía. Não saiu. Quando ele telefonava para saber dos filhos, sempre inventava outro assunto para poder ouvir mais a sua voz. Os presentes dados enquanto estiveram casados, usava-os sempre que podia.

Certo dia, Amore, como ela o chamava carinhosamente, ficou de passar em sua casa

para levar o filho mais velho a uma festa. Como Stella sabia ao certo a que horas ele passaria, colocou sua melhor roupa, passou o perfume preferido dele, ficou linda. Quando seu amado chegou, ele tocou o interfone, ela abriu a porta toda sorridente, simpática, com olhar extasiado, convidando-o a entrar. Não entrou.

Ele a cumprimentou educadamente, mas disse que não podia, pois Glória estava esperando no carro.

Sua ex-mulher se atrapalhou toda, despediu-se e subiu para o quarto. Não esperou seu filho sair. Trancou-se no seu aposento. Glória... quem era essa Glória?

Escutou a porta da sala se fechando e o eco do seu filho dizendo tchau, chau, au u u u. Aquele dia foi fatal.

A partir de então, todos os dias, contemplava seu álbum de casamento. Vestia a roupa que seu Amore mais gostava, usava seu perfume predileto, fazia o seu prato favorito e o esperava no mesmo lugar do sofá, quando ele chegaria do trabalho, antes da separação. Não chegou.

Seus filhos não sabiam mais o que fazer. Levaram-na ao consultório do melhor psiquiatra da cidade, o doutor Mendonça. Ele, com toda sua competência e sabedoria, recomendou que a mãe deles vivesse dessa forma, em sua casa, até o fim de seus dias, pois se a levassem ao sanatório seria muito pior.

Assim, Stellinha cantarolou, escreveu muitas cartas de amor, brigou, sonhou com o Amore voltando para seus braços. Ele, não voltou. Iludida, continuou vivendo o seu sonho até o último dia de sua vida. Ela, não viveu...

OBEDIÊNCIA DE GUEIXA

(Anamary Lemos)

Saio do box depois de um relaxante banho de chuveiro. Ela passivamente está à minha espera. Puxo-a para mim jogando-a de encontro ao meu corpo que anseia por seus toques macios. Ela, com a destreza de uma profissional, começa a me envolver, esfregando-se em mim, obedecendo aos movimentos de minhas mãos, que indicam os caminhos que devem ser seguidos para que saia dali saciado da necessidade que tenho de seus serviços. Ela obedece como uma gueixa, silenciosamente cobre minha nudez após enxugar meu corpo relaxado pelo toque de sua maciez e depois, neste estado permanente de silêncio, fica pendurada no varal aguardando-me para o próximo banho.

A SOMBRA E O TEMPO

(Blásquez Figueroa)

Lenora, vista cansada e braços doloridos, olha ao redor de si num misto de contentamento e desânimo. Trabalhou desde a manhã, desencaixando os objetos da mudança e guardando-os no devido lugar. Mas ainda tinha tanta coisa que guardar! Está sozinha em casa, o marido, Eduardo, lecionando em seu novo emprego na Universidade. Ao observar as diáfanas cortinas de seda, percebe que lá fora o céu carrega-se de nuvens. Caixas de papelão vazias espalham-se no tapete persa avermelhado, amontoam-se à porta da sala de estar daquela casa antiga, repleta de decoração requintada e mobília de época.

A porta fora decisiva. Meses atrás, enquanto buscava por um novo lar, o casal encontrara a famosa casa da família Gómez. Abandonada há anos, porém altamente conservada com muitos dos móveis intactos, era uma casa de porte médio que, refletindo *glamour* em cada cômodo ricamente ornamentado, assemelhava-se a um palácio para Lenora. A porta da sala de estar encarnara o ápice do luxo. Alta e larga, de madeira escura, brilhante, caprichosamente entalhada, macia ao toque e fortemente olorosa. Quem aproximasse o nariz àquela maravilha artesanal, sentiria tal pungente odor que acreditaria encontrar-se em um esplêndido bosque de verão. Lenora decidira-se ao ver a porta, ao tocar nela, ao sentir seu perfume único. Nem quis dar ouvidos aos boatos sobre espíritos e assombrações de antigos moradores. Resolveu; ali seria feliz com seu marido.

Eduardo. Ao lado da porta, o imenso relógio carrilhão, com seu ruído inexorável, marca as três da tarde. Eduardo voltaria após as seis. Na mesinha de mogno ao centro,

embaixo do lustre de cristal, Lenora vê a “Apologia a Edgar Allan Poe”. Há muito o marido vinha escrevendo aquele ensaio, sempre o largando em qualquer lugar. O cansaço pesa nos ombros. Retirando alguns papéis do sofá, Lenora deita-se, desejando uma horinha de sono. Estira-se e logo adormece naquela tarde caliginosa...

E naturalmente sonhou. Um sonho estranho, amorfo, escuro, carregado de angústia. Sonhou que estava deitada no sofá de sua nova casa e algo, uma presença indefinível, uma sombra de pavor, erguia-se atrás do sofá, curvava-se sobre seu corpo oprimindo seu peito e, lentamente, encaminhava-se para a porta, deixando atrás de si um rastro mefítico de folhas podres. Lenora acorda assustada, o coração aos saltos e as pupilas dilatadas. O sonho fora tão real; ainda sentia aquele odor fétido no ar e sua primeira reação foi olhar em volta.

A luz, filtrada pelas cortinas, quase sumira. O lustre do cristal, o carrilhão e as caixas no chão apresentam contornos indefinidos. Frente à porta está a sombra em seu lento caminhar. O coração de Lenora detém-se num doloroso átimo. Não fora sonho. Aquela sombra diabólica de fato curvara-se sobre seu corpo e conspurcara sua nova casa com aquele nauseabundo fedor. A sombra, cujos contornos incertos parecem a Lenora os de uma mulher em roupas antigas, agora toca a porta, entra nesta, funde seus traços malignos aos múltiplos entalhes da madeira.

O corpo de Lenora vibra. Levanta-se de chofre, um gosto elétrico na boca. Caminha até a porta com pernas lépidas, mas incertas, enquanto os últimos resquícios da sombra submergem na madeira. Mesmo na pouca luz, os olhos doem, violentados pelo inexplicável. Ao tocar a porta, porém, sentiu-se entrando novamente na realidade. Embora o cheiro da sombra ainda persista, tènue, controlou-se com aquela maciez, os ricos entalhes na madeira escura... O coração acalmou-se. Tudo fora um sonho ruim e acordar de repente fizera seus

olhos se enganarem. Aproxima-se mais da porta, fecha os olhos e aspira o delicioso perfume. O bucólico bosque de árvores frondosas e olorosas surgiu em sua mente. Permitiu-se ficar um tempo ali, entre as árvores oníricas, imersa naquele verão. Ao abrir os olhos, nota que o carrilhão marca, com seu ruído sem fim, cinco e meia da tarde. Eduardo chegaria em breve e ainda havia muito que fazer. Sem retirar a mão da porta, olhou para trás e encarou a casa. Sua nova casa. Seu palácio.

Vira-se. Mas não pode se mexer. O cérebro, ainda confuso, ordena às pernas que se movam, mas estas não obedeceram. Seus olhos, já acostumados a pouca luz, vêem os contornos indistintos do lustre de cristal, das caixas vazias e do ensaio do marido como quem vê as coisas a uma grande distância. Sente um novo salto no peito. Força as pernas e os braços como ímpeto, mas, debalde o movimento frenético dos membros, não conseguiu sair do lugar. Olha para si e percebe que suas roupas assumiram o aspecto de vestimentas antigas. Ergue as mãos à frente e vê estas se tornarem escuras e brilhantes, repletas de finos desenhos semelhantes a entalhes em madeira. Em pele. Sente uma vez mais o odor. Não o do bosque de verão, tão pouco aquele cheiro de folhas podres, mas sim o de corpos e almas em decomposição. E o odor do bosque era o odor das almas e as almas eram muitas, antigas moradoras daquela floresta de loucura.

Lenora sentiu sua alma aprisionada apodrecer, madeira nova numa floresta arcana. Tentou mover-se uma vez mais. Em vão. Gritou em desespero. Seu grito ecoou na floresta de almas danadas, açoitando-as em sua angústia eterna.

Lá fora, o céu escurecia. O carrilhão seguia sua marcha em absoluto silêncio.

A ÚLTIMA PORTA

(Natan Bélier)

- ...para onde irei? – perguntei, enquanto saía da escuridão e voltava a ficar à minha própria lápide de mármore, recém colocada no meio deste gigantesco santuário dos mortos.

Silêncio, apenas. Engraçado, mais uma vez aguardei atentamente, durante demasiado tempo, uma resposta. Aliás, há muito tempo, a única coisa que houvera feito desta vida minha – se é que ainda possuía vida – fora esperar. Os dias – ou, não sei, meses, séculos? – intermináveis passavam e eu resignava-me em ficar aqui prostrado, secando, esperando.

- Esperando o quê? – indaguei, ao lembrar os horrores que ocorreram ao meu redor.

Não poderia ser o fim, pois o fim acontecera há muito tempo atrás. Seria o começo? Não! Não possuía mais esperança alguma. Estava ansioso por respostas, mas tudo era em vão: nunca haveria resposta alguma. Portas não mais se abriam. Túmulos não se erguiam. Lápides não se moviam. Cruzes não salvavam. Dias não voltavam. Mortos não se levantavam. Se nada se alterava, só me restava continuar aguardando o meu próprio fim.

Levantei-me de novo e notei que lá no alto estava o plácido sol escarlate que, ironicamente, continuava brilhando, nascendo e se pondo – ele não morria igual a mim - como se nada houvesse acontecido. À noite, a pálida lua macilenta às vezes aparecia como um grande sorriso de escárnio; ora refletia completamente os raios do sol – tentava ressuscitar os mortos, talvez? – e outrora, ainda, escondia-se, mortificada de medo ao encarar a lúgubre realidade. O nebuloso céu, mesmo ligando-se a terra no horizonte, parecia alheio a todas as dores mundanas. Nele as nuvens sempre se amontoavam, formavam enormes e monstruosas naus, onde poderosos raios, trovões e relâmpagos pareciam criar assustadores motins.

- Nem eles estão a salvo em sua arca? – questionei, recordando que uma arca já salvara a humanidade uma vez, quando a água ainda era abundante. Entretanto, nem mesmo a apoteose das arcas poderia nos ter ajudado.

Se nos ares ainda existia uma batalha a ser vencida, comparando-os ao solo fiquei absolutamente atônito ao chegar à conclusão de que aqui todas as guerras foram perdidas. Possivelmente as minhas córneas, esbranquiçadas pela catarata, eram as últimas a vislumbrar as ruínas da Terra – com esse nome mais do que conveniente, visto que terra fora a única coisa que sobrara – que se tornara seca, estéril, infértil e inabitável. Se até onde minhas vistas alcançavam as únicas coisas que conseguia distinguir eram túmulos entreabertos, mausoléus em ruínas, caixões profanados, cruzeiros pagãos, lápides inteligíveis e até mesmo restos de cadáveres expostos, inteiramente roídos pelos vermes; o que não haveria além?

O pior de tudo é que eu tinha uma boa noção do que existia além deste cemitério.

Peguei a minha velha pá e continuei a cavar naquele duro solo arenoso, enquanto me lembrava dos relatos apavorados confiados a mim por diversas almas atormentadas, em seus últimos momentos de agonia. Disseram-me que o mundo todo se tornara um ciclópico deserto rubro. Segundo aquelas palavras opressoras, onde antigamente existiam majestosas florestas tropicais, cheias de vida e alegria, agora só sobraram restos de troncos de árvores, como ossos de enormes dinossauros, apodrecendo ao sol. As maiores metrópoles do mundo tornaram-se cidades fantasmas, com visíveis marcas de mortes aterradoras presentes em cada esquina. Até mesmo os vastos oceanos, que cobriam a maior parte do nosso belo planeta, secaram, deixando gigantescos cânions, expostos, como as purulentas crateras de Marte.

- O homem foi o lobo do homem e abriu a caixa de Pandora do mundo – afirmei, com toda a convicção de uma pessoa que sentiu, presenciou e vivenciou coisas demais.

Retirei mais um pouco de areia do local que era a minha cova e concluí que, com a minha morte, a Terra finalmente chegaria ao seu fim. Eu carregava em meu corpo as marcas de como o processo até a chegada desse fim fora lento e doloroso. Tão lento que a minha carne ressecada guardava uma chaga para cada cadáver que apodreceu ao meu redor. E tão doloroso que, muito antes do momento derradeiro, todas as lágrimas já haviam secado.

Abri um pouco mais o buraco e novamente tentei recordar quando fora a última vez que eu chorara. Percebi que ainda não lembrava. Sequer me lembrava do número de pessoas que enterrei neste cemitério, à minha volta – e foram incontáveis! Pelo visto, as minhas memórias tornaram-se um tremendo quebra-cabeça, com a maioria de suas peças faltando.

- Não faz diferença alguma! Hoje, finalmente executarei meu último enterro – falei, demonstrando uma alegria que não sentira há muito tempo. Uma alegria tão radiante que não combinava nem com o lugar que estava, nem com as palavras por mim pronunciadas.

O buraco alcançou aquele tamanho padrão de sepultura – quase um precipício – que eu já estava tão acostumado a fazer. Joguei a pá para longe e fiz uma força tremenda para empurrar o caixão negro ao interior do abismo. Entrei dentro da minha urna funerária, limpei o suor do meu rosto e dei mais uma última olhada àquele céu apocalíptico e àquela lápide.

Despedi-me, deitei novamente e estiquei meu braço para puxar a tampa da tumba.

Passei toda a minha vida abrindo e fechando portas. Abrira as portas da minha infância, quando começara a compreender o que acontecia no mundo ao meu redor. E abrira as portas da minha adolescência, quando lutara para tentar buscar uma solução. E abrira as portas para a minha fase adulta, quando simplesmente me conformara e desistira de lutar.

Escuridão. Acabei de fechar a minha última porta.

- Mas, se eu morrer...?

KATHARSIS: DECLÍNIO DO DEUS DE PRÓTESES

(Edgard Carone)

Nada naquela manhã se parecia com o visto por ele até então. A diferença não estava nela em si, mas nele. Sentia-se diferente e percebia tudo de forma diversa. O peso que lhe arcava as costas tinha sumido, a culpa que o deixava em permanente estado de alerta desapareceu junto com o medo que o imobilizava e a vergonha que o obrigava a dissimular.

Até o complexo de inferioridade, companheiro antigo, sempre presente e responsável pelo comportamento agressivo de bom competidor que não deixa dúvida ao adversário da pretensa superioridade, o havia abandonado.

Estranhou também seu contentamento em apenas se entregar àquelas novidades deixando-se levar pelas respostas dadas pelo seu corpo que contrariava o costumeiro imperativo de entender a todo custo a razão das coisas.

Deixou a cama, não procurou saber as horas. Displícemente deixou de colocar um de seus opulentos relógios que compunham sua coleção, reluzentes nos metais e pedras.

Foi ao closet, ignorou todas as camisas de casimira importadas, sempre elogiadas (ou invejadas) pelos parceiros de negócios. Escolheu uma improvável camiseta de algodão há anos esquecida e que por falta de oportunidade escapou de ser doada. O conforto experimentado lhe pareceu tão surpreendente quanto inusitado ver-se trajado de modo tão simplório.

Correu todas as gavetas e cabides (e não eram poucos) sem encontrar algo para vestir as pernas. Como era possível não encontrar nada adequado em meio àquela infinidade de

opções, acumuladas com suas frequentes visitas aos shoppings mais badalados, sempre encerradas com saldo de três ou quatro sacolas de compras, muitos pontos no cartão de crédito e o sentimento de poder que só o consumo exagerado é capaz de trazer? Mas naquele momento nada daquilo tinha valor e a escolha adequada estava jogada num canto do corredor, largada por seu filho mais velho na pressa de ir para cama na noite anterior. Tratava-se de uma velha bermuda, esgarçada, responsável por inúmeras desavenças entre pai e filho, por conta do primeiro acreditar que aquele trapo era indigno de vestir alguém advindo de uma família tão ilustre, segundo o pai, era roupa de desclassificado, de marginal.

Quanto aos sapatos, nem se preocupou, seguiu descalçado mesmo, preferiu seu próprio couro aos couros de boi, crocodilo, cobra ou toda ordem de animais que gentilmente cedem sua pele para cobrir os valiosos pés de quem é capaz de desembolsar valores substanciais e concretizar o domínio do homem sobre a natureza colocando-a literalmente sob os seus pés.

Sentiu pela primeira vez o assoalho de madeira de lei lhe acariciar a pele. Nada de mais, a vontade mesmo era de pisar na terra, mesmo correndo o risco de ver suas unhas, tão bem cuidadas nas visitas semanais ao pedicuro, cheias de poeira.

Ignorou o espelho, dessa vez não consultou tal oráculo em busca da certeza que a fortuna usada para ocultar as marcas do tempo continuava tendo efeito. Por conseguinte, aboliu o ritual de cremes, tinturas, gel de cabelo, ginástica facial de todo dia.

A caminho da rua encontrou sua atual mulher. A beleza jovial significativa na troca da antiga e fiel companheira pela menina recém chegada à idade adulta, cuja incapacidade de acompanhar uma conversa mais substancial era compensada ao despertar a cobiça dos amigos para quem a exibia como um troféu, se mostrou insuficiente e causou saudade da cumplicidade construída no relacionamento anterior.

Chegou à porta de casa. Teve dificuldade em ultrapassar todos os veículos parados a sua frente. Eram carros, motos, barcos, tanta coisa amontoada na garagem. Se um dia aqueles veículos lhe pareceram permitir chegar a qualquer lugar, naquela hora se impunham como gigantescos obstáculos a impedir seu avanço, massas de metal e plástico se interpondo entre ele e seu objetivo, o mundo.

Conseguiu se desvencilhar, um promissor horizonte se descortinou a sua frente. Sentiu uma fome absurda. Uma fome diferente, não aquela normalmente saciada na mesa digna de rei servida por seus empregados à beira da piscina ou em um dos salões de jantar que instigava o pecado do excesso, sempre cometido e depois redimido na sala de ginástica pelos exercícios torturantes ou na centena de réveillons (diga-se de passagem, comemorados com toda a pompa e estilo que a ocasião denotava, em companhia dos mais nobres, prósperos e escovados membros da sociedade), aproveitando tudo que o dinheiro pode proporcionar, nunca fora saciada. Toda a riqueza acumulada lhe impunha uma vida pobre, vazia. Seu enorme saldo positivo no banco era equivalente ao saldo negativo de vida realmente vivida.

Naquele momento alcançou a outra face das coisas, soube pela primeira vez com exatidão o que queria fazer. Mais um sentimento novo, a esperança. O despertar daquela manhã lhe dera leveza, liberdade. Dali em diante sua conduta seria outra, abandonaria os símbolos de ostentação acumulados que o envolviam como uma armadura de chumbo, negando-lhe a sensibilidade ao passo que o acorrentavam num terreno de superficialidades e efemeridades, lançar-se-ia fundo na vida, embriagar-se-ia dela, teria uma vida plena, digna de ser vivida.

Aquele momento catártico foi interrompido por sirenes e gritos. Tudo por conta de um homem vestindo um fino pijama de seda que repousava sobre uma cama king size recoberta

por lençóis de algodão egípcio. Se fosse outro dia, responderia com a fúria inerente a sua condição de macho alfa à descoberta de outro homem ocupando sua cama e usando suas roupas. Mas naquele dia não ligou, não ligou para a constatação dos cabisbaixos socorristas sobre a o estado cadavérico do homem deitado naquele leito, não ligou para o fato de ser ele próprio estendido na cama.

INDECISAO

(Anna J.)

Estava ali sentado, olhando para o horizonte. Pensava em sua casa, em sua terra, em sua antiga vida, talvez ainda pudesse voltar e fugir daquilo que se tornara após tantos anos de fuga de si mesmo. Não se decidiu. Diante da grande indecisão, criou asas e foi voar sobre as trevas do infinito mar.

DENTRO DOS OLHOS DE RESSACA

A luz raiou de súbito depois que o dedo do criado acendeu o lampião. Ainda confusos, quase como um acometido de enxaquecas, do teto foram vagarosamente até ao chão à procura dos chinelos.

Tinham a qualidade de ver somente o que o coração e a mente pedem, por isso, muitas cenas eram escondidas atrás deles, mesmo estando escancarados; um exemplo disso é tudo que observavam sem a ordem dos seus instintos. Eram funcionários número um da mente e forneciam suas imagens à lembrança.

Abrir e fechar constante. Rapidez que tecnologia alguma podia superar. O minúsculo fio de cabelo foi facilmente descoberto dentro do cesto de roupas. Um banho simultâneo nos produtores de algo líquido, mesmo, em muitos casos, ser a água do lavatório.

A cobrança é constante aos dois. Esses trabalham infinitamente, mais do que muitos daquela família chamada corpo. Só perdem para o coração, mas os sofrimentos que fazem os olhos produzirem as lágrimas não são culpa dele, ou são?

Deixemos isso para a mente, voltemos aos olhos. Pretos, verdes, castanhos e azuis. Ah os azuis eram os mais desejados para se ter e para se ver, no sentido ambíguo do termo. Olha só, os que acabaram de acordar e estão agora no banheiro são azuis. Passam o jardim, entram de novo na casa, vão observando tudo como o pintor contempla seu mais belo quadro, mas ainda escondendo tudo a mando do coração desconfiado e descrente.

Ajudam os braços e as mãos a puxarem o banco do piano, apresentam todas as notas prontas para serem ouvidas, se tocadas, mas coração e a mente movimentam os olhos para uma foto que os fazem trabalhar numa inundação profunda. São os olhos de ressaca, para lá

enlouquecidos, os olhos dessa história inacabada terminam encharcando as mãos e os muitos lenços por um sentimento misto de desconfiança, amor e saudades.

Fica aqui uma epígrafe aos avessos: os olhos que nunca poderiam ver um ao outro a não ser pelo espelho, derramaram muitas lágrimas que não puderam ser observadas nesse romance a não ser por outros olhos que aqui se justificam pelo uso excessivo de lágrimas no parágrafo anterior.

Meia-noite, fecham-se os olhos.

O 8: INSANA CULPA

(Monalisa Amaral Pereira)

Eram quase seis horas da tarde. Ela sentou-se no parapeito da janela para olhar o céu, o sol estava baixo, tão próximo que quase podia tocá-lo. Sentia o cheiro das folhas amarelas, perdida em pensamentos sobre o que faria mais tarde, olhou para baixo e viu alguns meninos que brincavam na pracinha em frente. “Como é bom não saber o que se sente e poder sorrir sem culpa”, pensou ela, enquanto ouvia os ecos dos risos que subiam ao seu encontro e misturavam-se com os ecos de seus soturnos pensamentos. Havia alguns dias que sua decisão estava tomada, mas adiar parecia uma boa escolha, já que nunca se sabe o que está por vir. Dar tempo para o destino agir, parecia o mais sensato até o momento.

Mas sua paciência com o destino foi esvaindo-se. A cada “mais do mesmo” diário, ela notava que a batalha estava ganha, e não por ela. Era pior que tortura chinesa se sentir derrotada por si mesma a cada segundo e sem possibilidade de voltar atrás.

Ela parou defronte àquele abismo interno, encarando com insistência seu buraco de coelho particular. Olhou para o relógio na parede, 18:00 horas, ergueu sua bandeira branca e resolveu fazer seu próprio destino...

“Quem luta com monstros deve velar para que, ao fazê-lo, não se transforme também em monstro. E se tu olhares durante muito tempo para um abismo, o abismo também olhará para dentro de ti.” – Friedrich Nietzsche (15 de Outubro de 1844 – 25 de Agosto de 1900) –
Sigo ao teu encontro, meu País de Maravilhas...”

JORNAL DA CIDADE

19 de Outubro de 2010

ASSASSINA CONDENADA PULA PARA MORTE

Alice Botelho, 20, que em 18 de outubro 2008 foi condenada a oito anos pelo homicídio de seu amante e recolhida há dois no hospital psiquiátrico judicial Santa Piedade, suicidou-se ontem ao pular do oitavo andar. “Ela estava se comportando normalmente esses últimos dias, calma e serena. Não podemos nos manifestar sobre o que a levou a isso, já que ela estava respondendo muito bem ao tratamento, inclusive trabalhando na biblioteca do hospital”, disse o médico responsável. Somente um pedaço de papel foi encontrado em seu bolso. Alice será enterrada hoje, às 18:00 horas, no cemitério municipal.

AOS ROMANOS: UM CLICHÊ

(Carlos Almeida)

O professor Samos analisa lentamente suas contas e, após várias horas de padecimento, finalmente chega ao espantoso resultado de MCLXXXVII. O montante lhe choca e imediatamente começa a estudar a possibilidade de dar aulas em mais períodos. Decidirá isso depois, já que agora precisa correr. Mesmo não se importando em ser exato, está atrasado XV minutos e provavelmente já perdeu o ônibus XXIII. Ou seria o XXIV? Não se lembra. Na dúvida pega um táxi, que anda VI quilômetros além do necessário, o que gera um aumento relevante no valor final da corrida, algo que o professor ignora. O troco também viera errado, mas, nesse caso, Samos realmente não percebe a diferença.

Ao entrar na escola não sabe ao certo o tempo total de atraso, e dirige-se rapidamente para a classe. Passa por VIII salas e nota que deveria ter entrado IV salas antes, pois iria à III. Não, espere... À V.

Finalmente encontra sua classe e adentra a mesma bradando: “Por Bechara e Bosi! Não há elos nesse prédio, não há intertextualidade!” Senta-se esbaforido e inicia imediatamente o tema da aula do dia: lugar-comum.

LEMBRANÇAS DE UMA ESPERA

Ventava muito quando o carteiro passou pela Rua Magnólia naquela tarde de outono, carregando um envelope grande até a casa de número 72. Para qualquer transeunte, o carteiro parecia ser o mais silencioso componente da rua, com seus passos silenciosos e movimentos rápidos e hábeis. Para uma pessoa, porém, os passos pareciam alto-falantes gritando pela calçada. A atenção desses ouvidos não era mera casualidade do destino. Eram resultados de um exercício mental, que memorizara os passos do carteiro. Mesmo que fosse um novo passo a cada dia e que o carteiro fosse diferente, ou que os sapatos do carteiro fossem novos, ou que a sola dos sapatos antigos estivesse gasta, ela sempre reconhecia, ela sempre ouvia. Ouviu também quando a portinha da caixa de correspondências fechou.

O som das portas das caixas de correspondências, assim como os passos do carteiro, para as pessoas comuns, não passam de um coadjuvante, concorrendo com o som dos pássaros, cães, torneiras escorrendo, crianças brincando. Mas para essa ouvinte era diferente. Naquela mesma hora todos os dias, ela só ouvia o carteiro e seus passos e o barulho da portinha da caixa de correspondência.

Havia se habituado a ouvir o mesmo som, e esse som ainda lhe causava o mesmo efeito de quando começara a decorar os dias e as horas da passagem do carteiro.

Se chovesse, ela ainda ouvia. Se ventasse, ela colocava um xale quente nos ombros, e esperava sentada em uma cadeira confortável. Era um momento sagrado.

Qualquer carteiro que passasse por aquela casa, não poderia imaginar que lá dentro, sentada em uma cadeira de balanço, uma mulher acostumara-se com a longa espera.

As árvores que balançavam lá fora não poderiam saber. Os pássaros que voavam alegres e cantavam alegres não poderiam sentir que lá dentro o tempo estava amordaçado, impedido de seguir adiante, parado como que congelado.

A mulher se levantou da cadeira, e continuou seu rito. Enquanto caminhava lentamente de encontro à caixa de correspondência, parecia perdida, tentando se lembrar do motivo de sua espera. Só conseguiu se lembrar que estava ali, porque esperava todos os dias pela passagem do carteiro e pelo barulho da portinha da caixa de correspondência.

Abrindo a pequena porta da caixa, depósito das esperadas cartas, tomou o envelope grande nas mãos e lentamente voltou para o seu santuário, sem olhar para o envelope, sem abri-lo.

A lareira acesa aquecia a sala. As chamas de fogo crepitavam com fúria ao sentirem o vento que a porta aberta trouxe da rua.

A mulher ainda tinha consigo o envelope fechado. Parecia ainda reflexiva de sua posição. Deu um leve suspiro, aproximou-se da lareira e fechou os olhos por um pequeno momento e hesitou por um segundo antes de lançar o envelope ao fogo.

Enquanto o envelope era consumido, ela olhava as pequenas cinzas se formando.

Sentiu uma forte vontade de derramar lágrimas, mas elas não lhe chegaram à face.

Finalmente o fogo cessou, só restaram pequenos vestígios de sua passagem. Do conteúdo do envelope, porém, não restavam sinais. A mulher sentou novamente na cadeira de balanço. Olhou para os ponteiros parados do relógio grande e para a ampulheta, interrompida em sua passagem do tempo. Deixou-se perder por alguns minutos incontáveis, e quase esboçou um sorriso triste. Não podia deixar de ficar atenta, era preciso ouvir os passos do carteiro e o barulho da portinha da caixa de correspondências.

CONTO DE UMA TERRA DEVASTADA

Num passado muito distante, havia um reino próspero de terras conquistadas por heroicas batalhas, onde vivia solitariamente um jovem que por amor e devoção escolheu habitar o alto de uma montanha. Longe do restante do mundo e cercado por paredes de pedra, ele sentia estar mais perto de Deus. Passava os dias compondo louvores e cultivando flores num jardim que cercava sua modesta morada e poucas vezes a deixava. Nos dias de chuva ou frio em que a melancolia tomava sua alma e ele recordava o passado, escrevia também tristes hinos de amor.

Pouca gente o conhecia, sabia-se somente que havia abandonado família e propriedade para recolher-se em claustro. Admiravam-no por seus belos hinos, que ele entoava enquanto cuidava de suas flores e plantas, mas o consideraram louco e por causa disso não o atormentavam com perguntas, sendo que os que se aventuravam a fazê-las obtinham dele respostas vagas que, por fim, nada respondiam de fato.

Os anos se passavam e sua rotina permanecia rigorosamente a mesma, porém, notavam os moradores daquelas cercanias que o aspecto do jovem aos poucos se tornara mais sombrio e inquieto, seus cânticos, antes doces, agora vertiam ira; o jardim, que eram as únicas pinceladas de cor naquele quadro cinzento, perdera o viço e o colorido, camuflava-se nas pedras com o passar dos dias; resistiam ainda ervas selvagens, acostumadas às intempéries. Pouco tempo depois, a voz do jardineiro silenciara e ali nunca mais ele foi visto.

Em volta da montanha todo o reino agora se tornara mais sombrio, o olhar das pessoas refletiam medo e tristeza. Os campos, outrora de pasto e agricultura, estavam abandonados e, agravando a situação desoladora dos súditos, havia se espalhado a notícia de que o rei,

amedrontado e sem poder, agora se curvara diante do terror.

Alguns poucos heróis ainda havia para tentar devolver a força àquele reino e ofereceram a vida por sua nobre terra, comandados por um bravo cavaleiro mascarado, que retornara para devolver o amor a sua alma devastada.

ILUSAO

(M. Helena)

Minha filha chegou um dia e me disse:

- Já decidi! Vou ser bióloga!

“Biologia?” Pensei eu. Não ia ter futuro... Não quis que ela fizesse. Mas o que realmente fez ela desistir era a dor que ela teria de enfrentar cada vez de matar um animal. Eles eram a paixão da vida dela.

Estudos literários. Foi o que ela acabou prestando, e passando. Tão útil ou mais que biologia.

- Esse mundo é muito ignorante – dizia ela. Não cansava de reclamar a falta de leitura e cultura.

Eu me ria dela. Tadinha... Não sabia nada da vida. Mas acreditava que o mundo poderia ser melhor. Era mais uma que achava que ia fazer uma revolução e as coisas finalmente se tornariam justas.

Nunca quis tirar a ilusão dela. Cada vez que ela vinha exhibir a história de Guevara, Machado ou qualquer outro que agora nem me lembro, ela dizia:

- Sabe mãe, um dia ainda vou ser como eles! Os meus netos vão estudar o meu nome e dizer: Ela fez diferença!

Quanto mais crescia mais percebia que as coisas não eram tão simples... Dezoito anos votação já é obrigado. Já imagina né... Para ela nenhum candidato tava bom.

Quanto mais se informava, mais tinha vontade de não fazer nada e ser apenas mais uma; ou fazer uma revolução. Mas como?

Ela dizia que por isso o curso dela era bom. Ela ia poder escrever e quem sabe mudar o mundo. “As palavras têm esse poder, mamãe.” Não tiro a razão dela. Se mais pessoas lessem e se informassem como ela quem sabe não haveria uma grande massa pensante, e não manipulada? Então as coisas iam mudar... Mas era difícil de alguém querer ler.

Meu marido conseguiu comprar aquele Iphone tão sonhado... Parecia uma criança. O dia todo apertando aqueles botões. Não posso nem dizer que só falta falar.

Ele também gostava muito de sempre estar informado. Sempre sabia qual o próximo aparelho eletrônico que ia lançar, qual era o da moda e qual seria o próximo que ele compraria. As coisas evoluem rápido.

A minha filha era muito entendida de história. Sempre dizia que depois da Primeira Revolução Industrial as coisas começaram a evoluir e não pararam mais. Ela dizia que só não sabia se a evolução era pra baixo ou pra cima... Nunca entendi bem isso. Ela falava estranhos às vezes. Ela dizia:

- As máquinas tão evoluídas não é, mamãe? Substituíram até os humanos. E os humanos? Também evoluidíssimos! Hoje em dia vivem mais relaxados. Não precisam nem pensar.

Outro dia pedi pro meu marido anotar um endereço. Quando chegamos perto do lugar perguntei o nome da rua. Ele foi procurar no aparelho dele. Fez até um mapa. Tão prestativo o aparelho. Mas tava difícil de entender. Eu disse: - Vire nessa rua. Mais duas e encontramos. Ele me olhou bravo, como se eu tivesse feito pouco caso do aparelho dele...

Minha filha não gosta de vê os pobres, como nós. Sabe, ela queria ver todo mundo feliz. Acha que todo mundo tem direito de comer e vestir, pelo menos. Ela vai lá, nuns bairros iguais o nosso. Ela ajuda como pode né. Outro dia chegou tão feliz! Um dos meninos pra

quem ela dá aula conseguiu um emprego. Juntou tanto dinheiro que conseguiu comprar uma televisão daquelas bem fininhas! Linda! Só ficou triste de não ter pipoca quando foram estrear a TV. Não tinha fogão na casa dele. Era muito pobre. Mal a mãe dele dava conta de comprar pão e leite pros irmãos menores.

Eu fico pensando nesse mundo e em minha filha... Às vezes nem sei se é o mundo que tá errado, ou se é ela que tá errada de ser tão boa num mundo tão feio.

SINAL FECHADO

(Clarissa Alves)

Era um sentimento estranho. Sentia prazer em fazer as coisas mais ínfimas do cotidiano, sozinha. Em sua infância, Carolina costumava transitar pela cidade, mas sempre conduzida às sombras dos passos da mãe. Agora já adulta, porém ainda transpirando jovialidade, conseguira a liberdade que tanto almejava. Saíra da casa dos pais há pouco mais de um ano para morar com o noivo, em um pequeno apartamento, próximo ao centro da cidade. Fazia pequenas compras, cozinhava... Gostava de assistir filmes comendo pipoca com o noivo, aos sábados, ou quando iam ao cinema, ou no sofá de casa mesmo, quando eles não tinham grana. Aos domingos almoçavam na mãe dela. Carolina sonhava ter um filho. Mais que o noivo. Este falava da inviabilidade do mundo em receber uma criança nos dias de hoje. “Tudo está muito caro e há muita violência”, ele dizia. Ela sabia disso, mas sonhava em ter um filho. Teria um filho rechonchudinho, que iria levar ao parque para brincar aos fins de semana e todos iriam querer apertar as suas bochechas coradas.

O ônibus parou. Subiu uma moça ruiva. Esta se sentou num banco em frente do seu. “Como queria ser ruiva”, pensou. Ter o cabelo castanho, a seu ver, a tornava “comum demais”. Invejava as ruivas. Invejava-lhes a leveza espetacular, a feminilidade bem mais acentuada.

Ao descer do ônibus, pode conferir mais de perto a grandeza daqueles grandes edifícios, a pulsação que vinha da avenida, das pessoas circulando em ritmo frenético pelas ruas.

Sentiu o peito encher-se de algo que não pôde explicar. Enquanto caminhava, apertava

cada vez com mais força a pasta contra o corpo, tentando copiar a postura ereta e os passos firmes daquelas pessoas que por lá transitavam.

Todos pararam. Esperaram. E, quando o homenzinho verde apareceu, todos, como que marchando, puseram-se a atravessar a rua.

Em meio a todos esses passos ensaiados, um descompassado cruzou o seu caminho com tamanha intensidade que, ao brutaemente chocar-se com seu ombro, fez sua pasta, juntamente com seus papéis, aterrissarem todos como esquivos bailarinos.

A cena foi rápida: ele abaixou-se e, pegando-os indelicadamente, os foi “depositando” à moça. Ela, meio assustada e petrificada com a ação, pouco movia os olhos e a boca. Ele disse “desculpa” e ainda logo, “pega tudo que o sinal vai abrir!”. Ventava e, as folhas já recolhidas tornavam a reiniciar seu balé.

Foi quando o sinal abriu e os carros puseram-se a avançar e buzinar. Uma moto os contornou e ele segurou-lhe os ombros com a força de suas grandes mãos. Mal o calor delas a consumia, foi brutalmente acompanhada para a calçada, enquanto uma de suas folhas dançava em meio aos automóveis.

“Bem, não se pôde recuperar todas” disse-lhe o moço. Ela continuou calada.

“Como não se pôde recuperar todas?” pensou “como não se pôde recuperar todas?” E viu o moço, ligeiramente, afastar-se dela, sumindo no meio da multidão.

Ninguém a olhava, ninguém sequer se compadecia de sua situação; era tão invisível como qualquer outro a sua volta.

De repente foi consumida por um sentimento de revolta, de desolação por tudo e por todos: por aquele moço que trombou com ela, pelo rapaz naquela moto que quase os atropelou, por aquelas pessoas que não a olhavam, por toda a rua, pela cidade, e

principalmente por ela mesma, que se sentia tão insignificante.

...

Saiu do escritório naquele início de noite, como de costume, apressada para não perder o ônibus. Quando chegasse em casa, o jantar já estaria adiantado pelo noivo, que saía mais cedo do trabalho que ela, mas se perdesse “esse” ônibus, iria perder o final da novela. Gostava de novelas. Gostava da certeza que tudo ao final encontrava a sua peça de encaixe nesse mundo.

Ao chegar ao ponto, que já estava tomado de pessoas que desejavam, assim como ela, chegar em suas casas depois de mais um dia exaustivo, olhava para a cidade, para os postes, os prédios que iam acendendo suas luzes, para o movimento que o farol dos carros dava aos viadutos, pela cidade tão “cinza” que a este horário punha-se a colorir. “Isso é tudo tão bonito!”, pensou, e tomou o ônibus lotado.

OUTRO LADO DA PERDA

Sinto uma tristeza profunda como se algo tivesse sido tirado de dentro de mim, não aguento mais ver a decepção no rosto de meu pai e a agonia nos olhos de minha mãe, sabendo que todo esse rancor e sofrimento têm como motivo minha atual situação; hoje, sentindo todas essas emoções, percebo quão difícil é me separar da minha família, mesmo que essa decisão tenha sido tomada por vontade própria e refletida inúmeras vezes.

Tenho que confessar que em alguns momentos pensei que a mudança não seria necessária, que com o tempo tudo melhoraria em minha vida, mas eram apenas devaneios de uma pessoa que buscava incessantemente uma solução para seu desejo de viver constantemente fora da realidade.

Tive medo de meus pensamentos por motivos diversos, pois como ser humano que sou não seria possível passar por mais essa fase da vida sem sentir incertezas, medos e tristezas. Não nego que em um rápido segundo de lucidez cultivei o sonho de construir um futuro promissor, tudo isso resultado de uma gotícula de esperança, que eu vi evaporar-se a cada contato que tive com o ardor da dor de viver aqui.

Nesse momento parado ao lado de minha mãe, vendo-a exprimir sua angústia através das lágrimas que percorrem seu rosto marcado pelo sofrimento do tempo e pela desilusão da vida, percebo que a decisão que tomei ao me entregar diante do desejo de fugir o mais rápido possível do problema foi uma atitude egoísta. Fui fraco ao sucumbir em uma noite interminável diante daquele gole repleto de salvação para mim.

Não é possível voltar atrás, mesmo vendo com clareza o mal que fiz, tenho em minhas mãos uma situação irreversível, querendo compensar o sofrimento que causei principalmente

para minha mãe; permaneço perto dela sempre que vem me visitar, certo de que ela vai derramar mais uma gota de saudade assim que se aproximar de minha morada e ler o endereço que ela mesma escolheu com tanto carinho, "Aqui jaz meu filho querido".

PUNIÇÃO

(Yawara Guarini)

Desde aquela madrugada eu não havia conseguido tirar da cabeça aquela dívida. Vinte estações de trem até o trabalho, em São Caetano do Sul no grande ABC, um dia de cão por lá, e novamente desta vez sufocado pelo cimento, as vinte estações de volta, e nada de esquecer o logro. Ao contrário, o dia de suor intenso pelo pão de cada dia só ajudou a agravar o quadro. Eu estava indignado. O cara era simplesmente o maior cara-de-pau que eu já vi, usando e abusando da criatividade para inventar as histórias mais mirabolantes que justificassem o calote. Não era muita grana, mas naquele panorama – o ano era 1196, eu tinha 15 anos e morava numa favela de Várzea Paulista: tempos difíceis! – o muito já era pouco. Daí que eu confiei no cara e dei a grana na mão dele antes de receber o produto. Burrice! Nem o produto nem a grana de volta. E, para piorar, o cara fechou seu estabelecimento comercial, local onde eu o encontraria com facilidade, descobrir onde o picareta morava me deu um trabalho desgraçado. Pergunta daqui, indaga dali, acabei descobrindo o covil do malandro e, depois de umas cinco tentativas frustradas, consegui finalmente encontrá-lo em casa, o que não representou grande avanço, pois foi então que começaram as desculpas esfarrapadas. O que eu podia fazer? Aparentemente nada. Porém, não foi com essa certeza que acordei naquele dia. Era um abuso, e eu tinha que fazer alguma coisa. Eu sempre fui muito pacífico, mas sempre gostei, assim como gostam os colecionadores, de todo e qualquer tipo de armas. E com a facilidade que havia para se conseguir uma ali no meu bairro, já fazia algum tempo que eu tinha garantido a minha: um belo revólver calibre 38 de quatro polegadas.

Às seis horas da tarde coloquei quatro projéteis no tambor, que admitia até seis, meti o

revólver na cinta, os cadernos debaixo do sovaco, me despedi da minha mãe e saí “para ir à escola”. Os cadernos não passaram da metade do caminho, ficaram escondidos no meio de uma touceira nas margens do córrego que havia ao longo do caminho da escola, Dali, desarmado das letras, mas armado de fogo e raiva, segui sentindo apenas o frio do ferro na barriga. Ou eu recebia a minha dívida ou tudo ia acabar numa grande merda.

Já no ônibus, algo mais que o gelo do revólver incomodava minha barriga. Era aquela conhecida sensação que nos acomete na aproximação de qualquer evento emocionante crítico demais. Quando desci do ônibus já havia anoitecido e eu, além de não ter estado ali antes senão de dia, estava um tanto perturbado, o que fez com que ficasse um pouco perdido enquanto caminhava procurando a casa do caloteiro. Foi muita sorte pra ele e mais ainda pra mim (hoje tenho a certeza de que aquilo foi uma baita sorte), pois em uma dessas idas e vindas pelas mesmas ruas eu comecei a despertar suspeitas e um policial à paisana que estava por ali, sem que eu sequer o tivesse notado, saltou à minha frente com uma Magnum gigante para a minha cabeça. Não tive tempo nem de pensar, e o meu três-oitão já estava sobre o capô do carro do civil, enquanto eu, no chão e algemado, recebia nas costas os calcanhares repressores do defensor da sociedade. Nem por um instante eu senti as dores daquela violência, já que minha cabeça parecia não estar junto do meu corpo. Eu só conseguia pensar na minha mãe. Toda essa porcaria de enredo malfadado ia acabar com ela.

Chegou uma viatura da DIG e me conduziu ao cadeião do Anhangabaú, onde esperei, algemado a um banco de concreto, “sofrendo enxovalhos e calado”, a chegada de meus pais. Minha mãe chegou chorando desesperadamente, exatamente como eu já havia previsto. Meu pai? Com a maior cara amarrada, exatamente como eu estava acostumado a ver e, portanto, como também já havia previsto.

Meu pai e eu trabalhávamos juntos e nossa relação nada tinha de carinhosa, mas ao contrário, era cheia de rancor e mágoas. Mágoas que eu guardava calado, pois sabia o quão surrado pela vida havia sido o homem. Ele se embruteceu demais. Eu assisti ao único beijo que, em toda a vida, ele deu em minha avó. Ela estava em um caixão e ele, desesperado, beijou-a para não ser devorado pelo remorso.

Os policiais conversaram alguns minutos com meus pais e, em seguida, enquanto uma escritã tentava acalmar a minha mãe, meu pai e eu fomos levados à sala do delegado para assinar alguns documentos. Meu pai não soube naquele momento e em nenhum outro, mas eu havia estado ali antes de ser algemado ao banco de concreto, e foi exatamente ali que experimentei a dose mais forte da violência. Fui esbofeteado no rosto, chutado nas pernas e ameaçado com a minha própria arma, com o cano encostado entre meus olhos. Não abri minha boca sequer por um gemido. Eu estava com raiva demais para sentir dor.

Meu pai, até então, estava convicto de que lá estava para me levar para casa. Envergonhado e tentando convencer o delegado de seus esforços para fazer-me um bom cidadão, terminou de assinar os documentos e olhou para minhas mãos. Ele esperava que me livrassem das algemas, mas o delegado deu ordem para que me levassem à cela. Fui puxado por um braço e dei um passo desequilibrado para trás. Meu pai estendeu a mão num esforço para alcançar as minhas. Senti naqueles dedos ásperos o abraço que ele nunca me deu e quando levantei os olhos vi uma tristeza tão profunda como jamais vira. Foi a primeira e única vez que vi meu pai chorar. Juro por Deus que nenhum bofetão tinha me ferido naquele dia. Mas aquelas lágrimas... Eu as sinto até hoje. E, meu Deus, como doem!

VISÕES

(Demas Wolf)

A irrelevância envolta pelo breu daquele momento passou a fazer tanto sentido quanto as batidas do coração pulsante naquele corpo... A percepção ligara-se de forma a inspecionar o mundo. Era um sonar pronto a captar qualquer maravilha que esperançasse aquela vida transportada incessantemente por labirintos corpóreos na simples missão de existir.

A lembrança arremetia à luz, tão doce e sublime claridade vista após a passagem do túnel. Seus pés adentravam o mundo. Pensamentos fluíam sem qualquer significado.

Não havia explicação, tudo era sinal de fumaça. Zumbia o mundo ao seu redor, vinha vociferado na agudez profunda de um apito crescente, evoluía lento... Direto do centro de cérebro até as paredes ósseas que protegem a massa pensante. Sentiu uma sensação estranha e dormente tal qual uma anestesia. Era então um corpo dormente com consciência ativa. Aos poucos a eletricidade responsável pela ativação dos sentidos foi restabelecendo aquela individualidade e suas funções.

Pela pouca abertura das pálpebras, a luz começa a entrar, irrompia o breu cego, a ilusão do mundo, tocava abruptamente aquelas retinas. A sensação ligada ao existir passou a ser tão mais forte e real, que tudo fez sentido... Respirou... Sugou o máximo que pôde, sentiu a dor nos pulmões. Era uma criança novamente. Ouvia vozes e se perguntava sobre como poderia ter o entendimento de que estaria nascendo... Se a memória da vinda é negada em unanimidade a todo ser vivente? Foi, então, a sua primeira descoberta... Não estava nascendo, pois, já era vivo.

Ouvia vozes, não se concentrava, eram apenas vozes. Invadiam o seu imaginário surreal como a loucura de um sonho. Brincavam com os seus ouvidos, mas daquela brincadeira não ecoava nenhuma gargalhada. Crescia a sonoridade, estabeleceu-se um ruído metálico e de certa forma surgia uma nova sensação. Menos anestésica... Mais dolorida. Nova sensação. Novo gosto.

Chegara àquela boca um caldo quente levemente adocicado, temperado também com uma pitada de sal. Era revigorante. Acreditava ser uma sopa, só não sabia quem a oferecia. Viu-se, mais uma vez, ser arrebatado pela luz. E teve a certeza de estar vendo Deus. Surgia complacente, caminhava a passos lentos e trazia consigo um objeto reluzente. A cada fulgurar do objeto, o homem recobrava mais e mais os sentidos. Enxergou as portas do paraíso. Uma breve história antes do retorno.

Tudo aquilo que outrora chegara a ele ecoado através do sopro do vento de forma atordoante e irreconhecível, começava, agora, a constituir palavras. O ouvido doía, a anestesia findara. O choque maior veio com o poderio da visão totalmente recobrado.

A realidade se misturava com luzes vermelhas e azuis, o local estava repleto de fardas que se movimentavam para baixo e para cima muito rapidamente. O cheiro no ar era de urgência, e não havia sequer sopa quente no local... A única bebida quente, que jorrava por ali, era constituída de hemácias. Vários corpos já haviam tombado quando um ainda permanecia. Bebera do próprio sangue. Era a sua última refeição, quando pôde ouvir um motorista de caminhão explicando para uma das fardas que por ali circulava – “Eu joguei a luz na cara dele, mas ele não viu.” E continuou – “Enfiei a mão na buzina até quase ficar surdo e ele também não ouviu. Que desfecho...” – O homem se lamentava enquanto outro contemplava toda a cena de um ângulo bem menos agradável.

Próximo à sua cabeça, bem junto às ferragens, equipamentos cortantes estrondavam um som metálico, repetia-se um som agudo que trombava entre a caixa craniana e o cérebro... Bem ali, o som ficava preso. Ninguém estava nascendo. Deus não circulava por ali. Na mente daquele homem enroscado nas ferragens, posto ali como se uma isca fosse, findava um último pensamento sobre a sua visão mais enigmática. Pensava sobre o vulto que trazia consigo um objeto reluzente. Buscava com os olhos por entre todas aquelas fardas. Encontrara, fora agraciado antes do súbito momento que o aguardava, estava ali a sua última dádiva.

Durante o resquício de sua vida, quando estava quase por tombar, avistou uma farda que se locomovia lentamente portando um artefato reluzente e prateado. Fez memória dos seus hábitos e flagrou-se em pensamento tomando muitos e muitos goles. Passara aquela noite efêmera com a coroa de um rei, sonhou ter sido eterno. Olhou mais uma vez à sua volta... Contou os corpos, sentiu a queadura do próprio sangue... Viu o fim. Teve o seu posfácio registrado na certeza de que havia passado a vida como um deus, mas seria enterrado como um diabo.

A CRIADORA DE IMAGINÁRIOS

Afina, modela, esculpe, fala, conversa. Olha! Ouve? Sente.

Vê quão grande é a forma, a vida, a música! Composição, suave ritmo, Profissão de Fé! Poesia.

Excelsior!

Ela olha; papel branco. Na mão a caneta a tinta escorre, letra a letra pateia a cor. Azul do céu no escarlate das folhas.

Chuá, chuá, chuá, chora a chuva.

Serão lágrimas?

Oh! Que triste Ribeirinha.

Uma brisa gentil sopra no azul do céu.

- Sim! Conheço as colinas e suas impressões entre as nuvens – responderam as palavras.

Conheceste o teu país? – indaga um verso patriota.

Salve! Salve! Oh Mãe gentil! Liberta o exílio do Sabiá – responde à pena.

E brancas figuras de mármore parecem olhar-me e interrogar-me.

- Quem és?

- O que escreves?

És mito!? És Tristão? És Isolda? És mimeses...

És um cravo temperado? – examina-me um verso resolutivo.

A resposta ecoa nos seus pensamentos...

Alma! Tu és personagem? – pergunta ela a si mesma.

- Cria imaginários – apressa-se a memória em responder.

Silenciam as palavras...

A andarilha coloca o papel no bolso. A carta segredava-lhe seus pensamentos. Caminhando em direção a uma ponte, avistara um ipê dourado, vira um rio... No outro lado das águas um menestrel errante.

ATÉ MAIS

Em uma manhã até então comum, no frio do mês de junho, nossa família acordou como num dia normal, uma segunda-feira. Era mais um sonolento início de semana, que nos marcaria para sempre.

Cansados pelo final de semana de correria e das preocupações da vida, a rotina era retomada.

Todos os dias pela manhã, Bob, meu cachorro, saía para seu passeio matinal, às vezes alongando por horas, retornando por volta das nove horas, para um café da manhã, com seu simples pão francês que minha mãe lhe dava, e que ele fazia questão de levar a um ponto de sol no chão, para ficar bem torrquinho.

Ele era realmente especial, desde filhote, gostava muito de brincar, buscava pedras no matagal em frente de casa quando alguém jogava para ele, buscava-as até sua língua cair pela boca de tanta fadiga e, ao chegar em casa, se acabava ao tomar água.

Arregalava os dentes como se estivesse rindo quando chegava visita em casa, acordava-me às lambidas, imitando todos os cachorros comuns que são carinhosos com seus donos, porém, como já disse o autor do Pequeno Príncipe, ele era meu cão, foi ele quem me cativou, dele eu cuidei quando, ainda filhote, era bem doente; dentre mil cachorros iguais no mundo, ele era único pra mim.

Bob apenas não gostava do lixeiro, pois em um ato de proteger a casa, pensava que ele roubava nosso lixo, tudo em defesa de seu lar.

Mas, nessa manhã em especial, ele se foi e não voltou, nunca mais voltou.

Ao certo ninguém sabe o que se sucedeu a ele: se foi atrás de cadela, se foi morto

atropelado, se foi atacado pelo cão do vizinho (o qual havia brigado com ele dias antes), se foi recolhido por outra pessoa ao quintal, ou se foi embora para Pasárgada...nada se sabe, eu creio que está perdido em uma nova odisseia, não sei. Tudo o que sei é que nada sei...

Sabemos apenas que ele não voltou.

Falta de amor para com a família com que ele conviveu sete intensos anos? Ou vontade de conhecer novos ares? Tudo isto é pouco provável, o mais provável é que o Bob era tão especial que a morte seria algo nunca imaginável e nada digna para ele compartilhar com seus donos.

Acredito que assim ele se eterniza, saindo de nossas vidas de uma forma discreta e comovente, entrando definitivamente em nossas histórias, fazendo-nos pensar que uma hora ou outra ele pode voltar e estar em frente de nossa casa, esperando que joguemos uma pedra para ele pegar no mato, ou simplesmente querendo entrar para tomar sua água, depois de uma longa caminhada costumeira.

QUEDAS DA VIDA

(João Alegre)

Já faziam dois anos de convivência. Porém, o relacionamento deles não se estabilizava. Mais uma vez lá estava ele de pé, encostado na parede, com as feridas expostas. Ela, de cabeça para baixo, ralada, com guidão retorcido e sem rodas.

Título: I Concurso Nacional de Microncontos UniAnchieta – Coletânea Final

Comissão Organizadora: Jaqueson Luiz da Silva, Rutzkaya Queiroz dos Reis

Comissão Julgadora: Caio Márcio Polleti Lui Gagliardi, Carolina Duarte Damasceno
Ferreira, Robson Tadeu Cesila, Vilza Moraes Gennari

Prefácio: Jaqueson Luiz da Silva

Digitação: Alexandre Dumas Pylles

Revisão de Provas: Reginaldo Maciel

Produção: Curso de Letras UniAnchieta Jundiaí (2010)

AS METODOLOGIAS DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E AS TEORIAS LINGÜÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS: UMA INTERSEÇÃO NECESSÁRIA¹

Paulo Pereira²

Resumo: Pretende-se, nesse artigo, relacionar as teorias lingüísticas às práticas de ensino-aprendizagem de línguas, sobretudo de língua materna. Para tanto, constrói-se um breve percurso pelos principais modelos teórico-analíticos (gramáticas) de abordagem do objeto- fenômeno de estudo da ciência da linguagem, que é a língua, destacando suas caracterizações mais salutares. Em seguida, inter-relaciona-se a esses cinco principais modelos os dois grandes paradigmas das teorias lingüísticas contemporâneas: o formalismo e o funcionalismo. Depois, descrevem-se, assim, as três concepções de gramáticas comumente encampadas pelos docente/educadores de línguas na prática efetiva do ato de ensinar advindas daqueles dois paradigmas. Conclui-se, então, apontando para a mudança social do papel desses docentes, a partir de uma maior conscientização da necessidade de estabelecer um diálogo mais amplo entre as teorias lingüísticas e as práticas didático-pedagógicas de ensino numa abordagem pluralista e multipolar.

Palavras chaves: Teorias lingüísticas; formalismo(s); funcionalismo(s); abordagens didático-pedagógicas; práticas metodológicas de ensino de línguas.

Abstract: *In this article, it is intended to relate the linguistic theories to the teaching and learning practices of language, especially native languages. For this, it builds up a brief journey by the main theoretical and analytical models (grammars) to approach the object of study of the language sciences, which is the language, highlighting its most wholesome characterizations. After, it inter-relates to these five main models the two main paradigms of contemporary linguistic theories: formalism and functionalism. So, then, it describes the three concepts of grammars commonly taken over by the teachers/educators of languages in actual practice the act of teaching arising from those two paradigms. It follows, then, pointing to the changing social role of teachers, from a greater awareness of the need for a broader dialogue between linguistic theories and practices didactic and pedagogical education in a pluralistic approach.*

Key Words: *Linguistic theories, formalism (s), functionalism (s), didactic and pedagogical approaches, methodological practices of language teaching.*

¹ Esse artigo surgiu de um plano de aula construído para a prova de desempenho didático de concurso público para o preenchimento do cargo de professor efetivo de Letras/Lingüística dos níveis superior, médio e técnico do Instituto Federal da Bahia.

² Mestre em Lingüística Formal (Sintaxe Gerativa) pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. Também, bacharel e licenciado em Letras Vernáculas pela UFBA.

Emails de contato: paulorpereiras@gmail.com ou paulorps@ufba.br

1. Introdução

Diferentes abordagens teóricas geram diferentes concepções de metodologias de ensino de línguas. Essa parece ser uma máxima verdadeira facilmente apreensível para os educadores/docentes de língua materna, mas, infelizmente, não se observa tal prática no local no qual primordialmente deveria sê-la: a sala de aula de língua materna ou nativa – no nosso caso particular do Brasil, de língua portuguesa (PB). Como consequência disso, a distância entre a produção teórico-científica dos Estudos Lingüísticos e a prática didático-pedagógica de ensino de idiomas, sejam línguas maternas (L1) ou línguas estrangeiras (L2), vem aumentando cada vez mais. Isso só explicita o desequilíbrio que há na prática docente dos professores/educadores da área (notadamente aqueles dos níveis formais de ensino médio e fundamental) quando o assunto é aplicar plenamente as teorias lingüísticas aprendidas em meio ao ambiente acadêmico de formação profissional no exercício efetivo de docência.

Esse artigo discorre justamente acerca desta precípua questão: a necessidade de uma maior aproximação das diversas teorias lingüísticas com a prática pedagógica efetiva de ensino-aprendizagem de idiomas, sobretudo de língua materna. Busca também, ainda, ressaltar a importância de uma maior conscientização por parte dos professores/educadores ao escolher ou adotar uma postura didático-metodológica de ensino – entendida essa última como “um conjunto de procedimentos recomendáveis para bem ensinar uma língua e que são explicáveis por um feixe de pressupostos” (ALMEIDA FILHO, 2005, p.63).

O texto, assim, encontra-se dividido em algumas seções com sub-temáticas próprias. Desse modo, discute-se na seção seguinte o porquê de se ter em mente uma postura didático-pedagógica no ato de ensino-aprendizagem tendo em vista as discussões realizadas no âmbito

das diversas teorias lingüísticas ao longo do desenvolvimento da ciência da linguagem. Em seguida, apresentam-se as diferentes concepções de *gramáticas* subjacentes às diversas teorias lingüísticas, com base no dualismo do pensamento lingüístico contemporâneo. Depois, comenta-se acerca das duas grandes concepções teóricas da Lingüística Contemporânea para, após, mais adiante, avaliar os prós e os contras de cada uma das duas correntes generalistas citadas. Na última seção, então, finaliza-se apontando sugestivamente para possíveis posturas teórico-metodológicas dos docentes mais profícuas em sala de aula.

2. Porque pensar a metodologia do ensino de línguas associada às teorias da linguagem?

A prática docente de ensino-aprendizagem já se constituiu há tempos enquanto ramo ou uma especificação disciplinar acadêmica própria dentro do âmbito das discussões pedagógico-didáticas e metodológico-pedagógicas da educação. Contudo, fora desse âmbito teórico, em algumas disciplinas de cunho mais propriamente teórico, como a Lingüística acadêmica mais tradicional, ocorre, por vezes, uma total desconsideração do fato de que as teorias necessitam ser postas em práticas, consolidando-se ou não empiricamente. Isso, a nosso ver, é o que acontece dentro do âmbito das teorias lingüísticas quando se pensa na sua aplicabilidade para as práticas de ensino-aprendizagem de línguas.

Afora algumas discussões, cada vez mais frutíferas, surgidas e postas em pauta pelos principais teóricos das novas ramificações dissidentes da abordagem mais teórica tradicional no campo da disciplina Lingüística – a exemplo da Lingüística Aplicada –, geralmente, não se tem nesse campo a preocupação de correlacionar o fazer-acadêmico teórico-investigativo à

concretização efetiva empírica.³

Tal correlação produz não somente benefícios para ambos os lados, bem como ainda possibilita aos estudos lingüísticos, pensado como um Campo Científico (BOURDIEU, 2004), uma capacidade mais ampla de renovação, atualização e consolidação dos seus pressupostos; ou, como afirma, ainda, Moita Lopes (1998, p.?) pensar na relação entre as teorias lingüísticas e o ensino-aprendizagem em sala de aula é pensar “nas práticas de uso da linguagem em tempos, lugares, sociedades e culturas específicas, relações antes consideradas extralingüísticas, e, portanto, fora do escopo das ciências lingüísticas”.

3. As diferentes concepções de gramáticas como a base do dualismo do pensamento lingüístico contemporâneo

A ciência da linguagem moderna nasce como uma disciplina acadêmica fundamentalmente teórica (cf. SAUSSURE, 2006). Talvez neste fato encontra-se a explicação para a bifurcação por vezes encontrada na postura de boa parte dos pesquisadores lingüistas, filiando-se ou a uma postura investigativa de cunho mais teórico-científico (já, um dia, chamada de lingüística teórica) ou a uma lingüística de cunho empírico mais recente (denominada de lingüística aplicada; LYONS, 1981, p.44). Assim, pensando no desenvolvimento histórico das ciências da linguagem, pode-se delimitar as seguintes fases

³Não quero afirmar com isso que não haja pesquisas que se detenham nas questões do ensino-aprendizagem nos diversificados programas de pós-graduação de Letras, Lingüística, Língua, Estudos Lingüísticos etc. espalhados pelo Brasil afora. Tão certo, também, não acredito nem defendo que tais programas devem focar ou até mesmo priorizar tais estudos, pois para tanto (e dependendo do enfoque adotado) existem excelentes programas de pós-graduação em educação, didática, metodologias de ensino etc. Contudo, não há como negar que, por vezes (e por sua natureza essencialmente teórica desde seus primórdios, como mencionamos no texto), o campo científico dos estudos lingüísticos deixa de lado necessárias questões prático-empíricas, as quais podem auxiliar e muito no entendimento mais amplo do funcionamento das línguas naturais como um todo.

comumente estabelecidas e suas diferentes concepções do objeto de estudo denominados de *gramáticas*:

- Gramática tradicional
- Gramática histórico-comparativa
- Gramática estrutural
- Gramática gerativa
- Gramática cognitivo-funcional

Cada uma dessas diferentes concepções de gramática – compreendida na concepção empregada aqui como “o conjunto das interpretações e descrições acerca do funcionamento da língua” (MARTELOTTA, 2009, p.44) – possui uma definição de língua particular, que representa um ponto de vista analítico específico do objeto, e que conduzem às diferentes abordagens e compreensões da linguagem. Assim, tem-se como caracterização de cada uma daquelas concepções anteriores acima o seguinte quadro:

- a. Gramática tradicional
 - Língua com uso limitado pela norma
 - Foco na análise sintática
 - Noção de certo e errado
 - Preocupação com o uso ideal da linguagem
 - Construções lingüísticas descontextualizadas
 - Modelos lingüísticos baseados no uso literário
 - Ensino prescritivo

- b. Gramática histórico-comparativa
 - Método comparativo

- Noção de língua originária/língua ancestral
- Noção de família lingüística
- Visão estritamente interna da língua (intralingüística)
- Neogramáticos e a ressalva do caráter mutável da língua
- Ênfase na estrutura interna da língua
- Tese do relativismo lingüístico

c. Gramática estruturalista

- Língua como sistema autônomo
- Sistema composto por partes interdependentes formando um conjunto solidário
- Sistema lingüístico organizado a partir de leis próprias subjacentes a seus elementos componentes
- Foco na análise intralingüística
- Foco nas redes de relações internas dos elementos (análise imanentista)
- Método indutivo- descritivo
- Análise particular das línguas, não universalista

d. Gramática gerativa

- Criatividade lingüística
- Hipótese universalista
- Visão biológico-evolucionista
- Redução drástica do papel do estímulo externo (fatores extralingüísticos)
- Princípio da modularidade da mente
- Foco nas reduções internas da língua (exclusão dos fatores extralingüísticos)
- Visão sistêmico-universalista
- Permanência da visão estruturalista da linguagem

- e. Gramática cognitivo-funcional:
- Observam o uso da língua na compreensão dos fenômenos lingüísticos
 - Foco, sobretudo, no texto, na interação verbal social e no diálogo nos diferentes contextos comunicativos
 - Tem uma visão dinâmico-funcional da língua (língua como instrumento de comunicação)
 - Prioriza o contexto discursivo na análise das línguas
 - Noção de interdependência entre a gramática e o discurso
 - Considera a subjetividade do falante no uso da linguagem
 - Amplia a noção de competência das primeiras teorias formais da linguagem (competência comunicativa/discursiva/pragmática)

4. O dualismo do pensamento lingüístico contemporâneo: formalismo(s) e funcionalismo(s)

Essas cinco concepções teóricas de gramáticas (vale lembrar, no sentido de “o conjunto das interpretações e descrições acerca do funcionamento da língua”) da história do desenvolvimento das teorias lingüísticas apontadas e de maneira sumária descritas anteriormente coadunam-se, contemporaneamente, em duas grandes concepções ou escolas teóricas da Lingüística: o formalismo e o funcionalismo.

Por formalismo entende-se todo o conjunto de teorias acerca da linguagem que tem como pressupostos básicas visões puramente sistêmicas da linguagem, calcadas em análises internas deste sistema, e de abordagens basicamente dedutivas. Dessa forma, enquadram-se

nas teorias formalistas da linguagem todas as seguintes correntes: a sintaxe gerativa *chomskiana*, os demais estudos lógicos da linguagem, e os estudos diacrônicos ou sincrônicos estruturalistas cujas abordagens focam exatamente na estrutura interna da língua, quase que desconsiderando, ou, melhor, diminuindo, a importância dos fatores extralingüísticos em seus estudos (como os estudos de gramaticalização ou de mudança lingüística diacrônica ancorados na perspectiva formal gerativista etc.).

Por funcionalismo, compreende-se todo um amplo conjunto de teorias acerca da linguagem cujos pressupostos basilares são a ênfase na influência dos fatores extralingüísticos no comportamento funcional da estrutura interna de um dado sistema lingüístico, bem como a visão de variação de normas dos usos vernáculos do idioma (no sentido mais utilizado pela sociolingüista de ocorrência autêntica, espontânea e não formal da língua) que os usuários falantes fazem. Enquadra-se nessa denominação, então, toda uma ampla e variada gama de correntes dos estudos da linguagem atuais: a sociolingüística e a dialectologia; a análise do discurso, da conversação etc.; a crítica genética textual e a lingüística textual; a gramaticalização de base mais funcionalista propriamente dita; etc.

De agora em diante chamaremos às abordagens formalistas, a primeira, de estrutural-formalistas e às abordagens funcionalistas, a segunda, de funcional-pragmáticas.

Assim, com base então nesses dois grandes paradigmas das teorias lingüísticas atuais – abordagens estrutural-funcionalistas ou funcional-pragmáticas – três outras concepções de gramáticas (no sentido de a estrutura da língua) surgem nas práticas didático-pedagógicas em sala de aula (POSSENTI & ILARI, 1992):

- I) Conjunto de regras a serem seguidas para que se possa falar e escrever corretamente. Esta é definição que vale a pena para as chamadas gramáticas

normativas, que se ocupam de variedade padrão de uma língua, e cujo uso na escola levaria os alunos – imagina-se ao domínio dessa mesma variante.

II) Conjunto de regras que são seguidas. É esta definição de gramática que orienta o trabalho dos lingüistas, cuja preocupação é descrever as línguas como são faladas. Numa perspectiva rigorosamente científica, não cabem considerações sobre como as coisas deveriam ser, mas apenas sobre como são (...).

III) Conjunto de regras internalizadas. Definir ‘gramática’ como um conjunto de regras internalizadas é apenas admitir hipótese de que, para produzir expressões lingüísticas, um falante não atua nem por imitação nem por convenção, mas acionando um conhecimento implícito adquirido a comunidade em que vive. Esse conhecimento altamente sistemático é a gramática; ele (o falante, *grifo nosso*) compreende não só o que tradicionalmente se costuma indicar por meio dessa palavra (...), mas também os conhecimentos necessários para dominar os mecanismos e as artimanhas da significação (...).

5. Os prós e contras de cada abordagem: como fica o professor?

Ambas as grandes concepções paradigmáticas vistas acima apresentam suas vantagens e problemas, seus prós e contras.

Assim, as abordagens que chamamos de estrutural-formalistas têm o ganho de ter um maior êxito no ensino da estrutura interna da língua e um maior êxito na memorização de regras gramaticais normativas propriamente ditas. Contudo, essas mesmas abordagens falham em apresentar aos estudantes uma visão mais ampla, mais dinâmica da linguagem, falham ao desconsiderar as variações decorrentes dos inúmeros contextos sociais diversos de uso que a língua apresenta e, sobretudo, falham ao desconsiderar a perspectiva sócio-funcional em suas análises.

Bom exemplo dessa perspectiva de ensino está no exercício (1) a seguir transposto, no qual se solicita aos estudantes para realizarem a análise sintática das sentenças (1a), (1b) e (1c) a seguir.

(Exercício de cunho puramente estrutural-formalista)

(1) Realize a análise sintática das sentenças abaixo:

- a. Há alguns expertos tricórdianos na empresa.
- b. As ingênuas balizas nomearam toda a alcatéia juíza?
- c. O prazeroso leilão tornou sua pinacoteca valiosíssima!

Porém, para nós, esse exercício contém uma paradoxal função, pois exatamente por desconsiderar as possibilidades sócio-funcionais da linguagem com suas normas alheias a norma-padrão ou culta almejada, dentre as quais muito provavelmente encontra-se a norma vernácula da maioria dos estudantes em sala, é que as chances de sucesso do exercício são altamente duvidosas. Afinal de contas, como poderão os estudantes analisar sintaticamente sentenças da norma-culta literária se essa se constitui como totalmente alienígena, esquizofrênica e indiferente à norma que eles carregam consigo e que caracteriza o uso real cotidiano que eles fazem da língua? Como poderão os estudantes almejar alcançar essa norma se esta já lhes é de antemão apresentada como um ideal distante perfeito, alcançável somente pelos mais vultosos escritores do cânone nacional? Como se interessarão os estudantes em desvendar essa norma ideal perfeita e distante se a eles não lhes é ao menos mencionada toda a complexa gama de relações que há entre língua, cultura, sociedade e poder?

No extremo diametralmente oposto, de maneira contrária, tem-se as abordagens que denominamos de funcional-pragmáticas. Esses tipos de abordagens metodológicas têm a vantagem de fornecerem aos estudantes um ponto de vista de maior consideração da dinamicidade variacional das línguas naturais e da instrumentalidade lingüística enquanto veículo de comunicação social e de levar em consideração os diversos contextos de uso em

que a língua pode ser empregada na sociedade. Todavia, essas mesmas abordagens falham gravemente ao terem menor êxito no ensino da estrutura interna da língua e na memorização/aprendizagem de regras gramaticais normativas.

Um bom exemplo dessa perspectiva metodológica é o exercício (2) a seguir, no qual é solicitada aos estudantes a mudança dos registros (ou normas) lingüísticos a partir das sentenças fornecidas abaixo.

(Exercício de abordagens puramente funcional-pragmáticas)

(2) Mude as sentenças abaixo de registro lingüístico (norma), de acordo com o nível de (in)formalidade delas:

- a. Aos policiais, o menino dissera-lhe toda verdade, sob a ameaça que o castigassem duramente. (formal para coloquial)
- b. Pediram-lhe, à Carmem, que fosse embora, sob pena de a punirem (formal para coloquial)
- c. Ele que disse a ela que você é uma pessoa escrota. (coloquial para formal)

Assim como no exercício anterior, também, este (2a), (2b) e (2c) apresenta paradoxos metodológicos implícitos em si. Como é possível aos estudantes caminhar pelas diferentes normas ou registros lingüísticos sem antes ter acesso à estrutura de constituição interna da linguagem? Como os estudantes poderão compreender melhor o conceito de norma e de sua funcionalidade social sem que antes ele compreenda bem que a língua possui uma “arquitetura” sintática, e que essa “arquitetura” sintática modifica-se, ajusta-se e adapta-se de norma para norma, atendendo aos pré-requisitos comunicacionais do contexto discursivo em que ela ocorre ou é empregada? Idealizar um ensino meramente funcional-pragmático voltado

para a análise de textos e à interpretação somente, abstraindo o valor da aprendizagem da norma-padrão/norma-culta social, é tão nocivo à formação intelecto-profissional dos estudantes quanto apresentar-lhes a língua apenas como um abstrato ideal normativo e prescritivo através de exemplos da alta literatura.

Mas, então, se tanto as abordagens estrutural-formalistas quanto as abordagens funcional-pragmáticas (ou sócio-funcionais) apresentam alguns acertos e muitas falhas, qual a melhor prática didático-metodológica pedagógica que o professor de línguas pode adotar com base na correlação com os seus conhecimentos de teorias lingüísticas?

Talvez a resposta mais adequada esteja numa postura mediadora, consciente das transformações sociais (políticas, culturais, educacionais, tecnológicas, econômicas etc.) do mundo contemporâneo em que se encontra e, portanto, da exigência de uma mudança, também, do papel social do professor de línguas na contemporaneidade. Dominar uma língua, sobretudo sua língua materna, requer mais, hoje, do que simplesmente saber um conjunto de regras prescritivas de valor normativo e de alta consideração estilística entre os falantes. Mais que isso, dominar sua língua materna na contemporaneidade globalizada requer dos falantes nativos uma compreensão da intrínseca e ampla relação entre a língua, a sociedade e a cultura.

6. A mudança no papel social do docente de línguas

A mudança no papel social do professor, sugerida aqui por nós, então, perpassa intensamente pela ampla e constante necessidade de atualização e reciclagem culturais dos docentes. E isso não indo pela perspectiva adotada pelos pedagogos ou teóricos da educação que afirmam que o professor tem de ser um eterno aprendiz ou algo do tipo. Meu texto

concentra-se estritamente na perspectiva dos estudos lingüísticos, dos estudos do campo que chamei de campo científico das ciências da linguagem. A necessidade, então, de uma constante atualização nos conhecimentos dos docentes ressaltada por nós vem da constatação do fato de que só assim haverá uma repercussão significativa que altere as práticas pedagógicas em sala de aula.

Tal mudança consiste basicamente, sobretudo, em saber reavaliar a função de docência de línguas, abandonando por vez o prescritivismo normativo que nos acompanha desde a invenção das gramáticas na Antigüidade Clássica (NEVES, 2002), sabendo colher de cada uma das diferentes correntes teóricas da Lingüística aquilo que melhor se adeque ao ato de ensino-aprendizagem, sabendo mesclar, aproveitar, unir e construir abordagens interdisciplinares que se adaptem bem aos tempos multiculturais e globalizados dos tempos contemporâneos.

Nesse novo papel do docente de línguas três passos podem ser seguidos, partindo de toda a discussão prévia que se realizou a pouco em nosso texto:

- Não mais ensinar “gramática” (no sentido I anterior apresentado na seção 4), mas ensinar que todo ser humano possui uma “gramática” (no sentido III anterior da seção 4), a qual sofre alterações na maneira como o falante a usa, com bases nas diversas *normas* lingüísticas sociais e nos diferentes contextos comunicativos (gramática na concepção II anterior da seção 4).
- Isto é, ensinar que a língua, que é uma capacidade inata única dos homens, apresenta-se sob a face de diferentes *normas sociais*, todas igualmente legítimas em suas comunidades de fala, mas que cumprem, também, diferentes funções na comunicação social cotidiana e são adequadas em diferentes contextos de interação social.

- Enfim, quanto à questão do registro lingüístico a ser trabalhado nas escolas, o que propomos, juntamente a (NEVES, 2002, p.331), é “a defesa da norma culta padrão e o respeito ao registro (popular) do aluno.” Ou seja, *instrumentalizar* a língua, para que o estudante saiba utilizá-la adequadamente aos diversos contextos sociais como instrumento social de comunicação, de emancipação política e exercício da cidadania.

Assim, o ensino da norma-padrão/norma-culta, aliado ao ensino do respeito à diversidade dialetal lingüística, com base, principalmente, numa abordagem didático-metodológica pluralista que demonstre a inter-relação intrínseca existente entre a língua, a sociedade e a cultura, parece ser a perspectiva mais abrangente e eficaz plausível nas práticas pedagógicas em questão. Assim, o aluno, *empodeirado* da sua língua materna, então, poderá buscar integrar-se e interagir-se socialmente, manuseando seu idioma materno para interação social com os demais, desempenhando de maneira mais satisfatória a função de membro civil de sua sociedade e de sua cultura. Assim como, ainda, nas palavras de (ALMEIDA FILHO, 2005, p.63):

A dimensão da linguagem é basilar por servir a todas as outras áreas de estudos do currículo. Ela constrói a experiência de (re)conhecer os fenômenos da natureza, os fenômenos sociais e bastante da experiência com as dimensões, formas, quantificações e os cálculos numérico. Nesse sentido ela é macro-curricular. É através da sua ação e das representações que articula que permite aos escolarizados a grande (re)construção do conhecimento nas áreas curriculares (e eventualmente nas disciplinas), no âmbito da cultura e geral, portanto, e no âmbito do auto conhecimento (dando conta de quem se é, do que se deve ou não fazer para a felicidade pessoal e o bem-estar coletivo). Trabalhar para desenvolver capacidade da linguagem significa contribuir fundamentalmente para o sucesso da escolarização.

7. Conclusão

Vimos antes, então, que o desenvolvimento da Lingüística enquanto campo científico autónomo, perpassa por diferentes concepções do seu objeto precípua de análise: as línguas naturais. A essas diferentes concepções metodológico-teóricas denominou-se gramáticas. As diversas gramáticas lingüísticas surgidas, por sua vez, leva às duas grandes correntes da Lingüística Contemporânea, que, em certa medida, conduzem a posturas didático-pedagógicas específicas e contrárias em sala de aula.

Concluimos, assim, assinalando a necessidade de um maior diálogo entre os modelos teóricos forjados no âmbito acadêmico e a prática docente efetiva. Tal diálogo, contudo, necessita ter por base uma perspectiva pluralista do ensino de língua, condizente com as novas configurações sócio-histórico-culturais do mundo contemporâneo globalizado.

Lecionar uma língua, notadamente a língua materna, então, sob essa ótica de análise, deve ser visto com um exercício de *empoderamento* ou *autonomização* dos estudantes, fazendo-lhes enxergar os ganhos sociais empíricos que o domínio da linguagem traz para a comunicação e à sua vida, em diferentes nuances (pessoal, profissional, comunitária etc.) em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Lingüística aplicada, ensino de línguas e comunicação.** Campinas: Pontes editores e ArteLíngua, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

KIRST, M. H. B.; CLEMENTE, *et alli*. **Linguística aplicada ao ensino de português**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992

LYONS, John. **Linguagem e lingüística – uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MARTELLOTTA, M. E. **Conceitos de gramática**. In: **Manual de lingüística**.

MARTELLOTTA, M. E. (org.). 1ºed. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de língua**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

NEVES, M. H. de M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

POSSENTI, Sírio; ILARI, Rodolfo. **Ensino de língua e gramática: alterar conteúdos ou alterar a imagem do professor?** In: KIRST, M. H. B.; CLEMENTE, *et alli*. **Linguística aplicada ao ensino de português**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27º ed. Bally, Charles e Sechehaye, Albert (orgs.). Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

PEREIRA, P. R. *Methodologies in teaching-learning languages and current linguistics theories*, July 2010.

PEREIRA, P. R. As Metodologias de ensino de língua materna e as teorias lingüísticas contemporâneas: uma interseção necessária, julho de 2011.

A LOUCURA EM A *OBSCENA SENHORA D*

Amanda Jéssica Ferreira Moura⁴

Resumo: Utilizaremos a *Obscena Senhora D* (2001) para analisarmos um tema que permeia a literatura hilstiana: a loucura. Para fundamentarmos nossa pesquisa, recorreremos a pesquisadores da obra de Hilda Hilst, da loucura e da Análise do Discurso. Conforme afirma Maingueneau, a paratopia é “uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar”; assim, os loucos estão nessa zona paratópica, uma vez que a loucura é relegada à margem do que se compreende como normal. Nossa investigação visa demonstrar que Hilst desestabiliza esse conceito de normalidade e revela loucura e lucidez entrelaçadas.

Palavras-chave: loucura; paratopia; Hilda Hilst.

Abstract: Our work will focus on the book of prose *Obscena Senhora D* (2001) analyzing a theme that permeates the literature hilstian: the *madness*. To base our research, we will use some of the work of leading researches of *Hilda Hilst*, of madness and Discourse Analysis. As stated Maingueneau (2008), the *paratope* is "a difficult negotiation between the place and no place, a parasite location that lives its own inability to stabilize," so we can say that the freaks are in this area paratopic, once madness is relegated to the margins of what is commonly understands as normal. Our research aims to demonstrate, through excerpts from the work that Hilst destabilizes the concept of normality and she reveals lucidity and madness intertwined.

Keywords: *madness; paratope; Hilda Hilst*

Introdução

Em 21 de abril de 1930, em Jaú, nascia a paulista Hilda Hilst (filha do poeta Apolonio Hilst com Bedecilda Cardoso), que produziria uma obra de grande extensão e valor literário. Hilst formou-se em Direito na Faculdade do Largo do São Francisco, mas largou o âmbito jurídico e dedicou sua vida à literatura. Escreveu teatro, poesia e prosa de ficção.

Apesar dessa vasta produção, a escritora brasileira morreu, em 4 de fevereiro de 2004, em quase completo anonimato por parte do público leitor brasileiro. Em seu artigo *Da ficção*,

⁴ Graduanda em Letras na Universidade Federal do Ceará.

Ribeiro (1999. p. 81) aponta a “mediocridade da maioria acachapante da humanidade, que opta sempre pelo fácil” como uma das principais causas para o ostracismo literário em que se encontrou por muito tempo a obra da artista.

Esse lugar esquecido onde a literatura de Hilst habitou entra em conformidade com a vida pessoal da própria escritora, que conheceu em seus percursos o não-lugar: seja através da esquizofrenia do pai; seja porque foi chamada de louca pela crítica e pelos amigos quando afirmou crer em OVNIS e ouvir a voz de sua mãe morta ou ainda porque decidiu, aos 36 anos, mudar-se para uma chácara no interior de São Paulo a fim de afastar-se do turbilhão e movimento que era a capital. Nessa fazenda, chamada Casa do Sol, Hilda vivia na companhia de suas dezenas de cães (as informações variam entre quarenta e noventa cães).

Não é de nosso interesse, no entanto, elencar motivos pelos quais os preciosos escritos de Hilst foram deixados de lado nem analisar sua produção literária através de sua biografia pessoal. Pretendemos contribuir, ainda que de forma mínima, para que a literatura hilstiana ganhe a visibilidade que merece dentro dos cursos de Letras, das pesquisas literárias e da vida de leitores vorazes.

Fundamentação Teórica

Uma vez escolhido o conceito da paratopia para guiar nossa pesquisa, é importante que esboçemos alguma definição do termo em questão. Segundo Charadeau & Maingueneau (2008), paratopia é uma

Noção introduzida por Maingueneau (1993) para designar a relação paradoxal de inclusão/exclusão em um espaço social que implica o estatuto de locutor de um texto que decorre dos discursos constituintes. É “uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar” (p. 368).

E é nessa impossibilidade de se estabilizar, nessa localização parasitária apontada pelos analistas do discurso de linha francesa, que estão os loucos. É possível observar que as pessoas designadas como loucas convivem com a problemática da não designação de um lugar determinado, pragmático, dentro da comunidade.

Segundo assinala Rocha (1996, p. 380) loucura significa “1. perda de juízo. 2. ação muito imprudente. 3. exaltação de ânimo. 4. Extravagância”. No entanto, sabemos que classificar o que é a loucura ou o que é ser louco não é tão simples como pode parecer à primeira vista.

Ao longo do tempo, o homem foi tentando buscar explicações sobre o que acontece com pessoas que se desviam do modo de pensar e agir comumente aceitos pela sociedade, e o conceito de loucura sofreu diversas transformações no decorrer das épocas e das sociedades.

Esse conceito já foi compreendido através de um modelo mítico-religioso (acreditava-se na intervenção de forças sobrenaturais na pessoa compreendida como louca), de um modelo organicista (nesse caso, a causa da loucura estaria necessariamente no corpo) e, finalmente, de um modelo psicológico.

Observando a problemática do termo e não pretendendo adentrar no complexo campo da psicologia, nosso interesse não é classificar clinicamente o que é, de fato, a loucura. Pretendemos, no entanto, partir da sentença aceita como verdade dentro da obra: segundo a vizinhança, a personagem Hillé ficou louca. Vamos nos deter nela, Senhora D, para analisar, baseando-nos na Análise do Discurso de linha francesa, o lugar (ou o não-lugar) que é relegado aos loucos.

Metodologia

Para procedermos à pesquisa, utilizamos o livro *A Obscena Senhora D* (2001), de Hilda Hilst, como objeto de estudo. Além disso, fundamentamos nossa pesquisa em teóricos da loucura, como Frayze-Pereira (1982), e em críticos da obra hilstiana, como Pécora (2010).

A Obscena Senhora D foi publicado originalmente no ano de 1982, em São Paulo, pela Editora Massao Ohno. Em 1997, a obra chegou à França publicada pela Editora Gallimard, com tradução de Maryvone Lapouge, que também traduziu *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Sobre esse livro, Pécora (2001) assinala que “Certamente está entre os grandes, mas esta é uma obra extraordinária em seu conjunto: literatura de raça mesmo.” (pp. 11-12).

Preferimos não nos arriscar em classificar a obra como romance ou novela, uma vez que, em conformidade com a literatura contemporânea, esse texto desvirtua padrões tradicionais e foge de modelos fixos literários.

Essa impossibilidade de rotular pacificamente o livro de Hilst dentro de determinados moldes relaciona-se, talvez, com o estado de paratopia da personagem principal dessa obra: Hillé. Essa investigação, no entanto, deixamos temporariamente de lado, pois demandaria mais tempo e maior aprofundamento.

Podemos dizer que o livro nos revela as reflexões de uma senhora de sessenta anos, tida como louca pela vizinhança, que decide habitar o vão da escada e importa-se apenas em compreender o sentido das coisas.

Utilizamos as palavras de Pécora (2001) na orelha do livro:

A OBSCENA SENHORA D é o relato contundente de uma inteligência radical que desaprende a conceder. Com grande economia de recursos, o texto encena a mudança de uma mulher de sessenta anos que se decide a viver num vão de escada, onde peregrina em busca do sentido das coisas escondido por um esquivo e

abscondito Menino-Porco.

Sobre a loucura, Foucault (*apud* FRAYZE-PEREIRA, 1982, p. 28) afirma que “é próprio da nossa cultura dar à doença o sentido do desvio e ao doente um status que o exclui”. Dessa forma, a personagem tida como insana é excluída do meio social, e sua doença é tratada com algo que se desviou do que é compreendido como normal.

A partir desse desvio da conduta vista como normal, tentaremos fazer um paralelo entre loucura (desvio) e paratopia (não-lugar) a fim de contribuir com mais uma leitura da obra de Hilda Hilst, que tanto se queixou da falta de conhecimento e de estudo sobre sua produção literária.

Análise

Logo na primeira parte do livro, é possível apreender a paratopia presente no texto através de Hillé. Ainda no início, o texto aponta uma pista do não-lugar em que Hillé se encontra, quando ela diz que é alguém afastada, o que equivale dizer que está à margem. No decorrer do livro, compreendemos que ela, de fato, está em situação marginal, pois se diferencia dos demais pela sua recusa em viver de acordo com o senso-comum, como a maior parte dos personagens retratados na obra, e é dada a divagações filosóficas e metafísicas.

VI-ME AFASTADA DO CENTRO de alguma coisa que não sei dar nome, nem porisso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por EHUD A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas (p. 17).

(...) eu dizia olhe espere, queria tanto te falar, não, não faz agora, EHUD, por favor, queria te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nadas do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo (p. 18).

Hillé questiona, por exemplo, a relação de Deus com o ser humano e não teme nenhuma represália divina. Fica evidente que a personagem não quer blasfemar, mas fazer perguntas e trazer problematizações para obter respostas. É óbvio que, ao longo do livro, essas respostas não são dadas. Nem a Hillé nem a nós, leitores. A escritura de Hilst nos deixa face a face com o problema. E sai de cena.

desesperada Ehad, porque todas as perdas estão aqui na Terra, e o Outro está a salvo, nas lonjuras, en el cielo, a salvo de todas as perdas e tiranias, e como é essa coisa de nos deixar a nós dentro da miséria? que amor é esse que empurra a cabeça do outro na privada e deixa a salvo pela eternidade sua própria cabeça? (p. 75).

(...) como será a cara DELE hen? é só luz? uma gigantesca tampinha prateada? não há um vínculo entre ELE e nós? não dizem que é PAI? não fez um acordo conosco? fez, fez, é PAI, somos filhos. não é o PAI obrigado a cuidar da prole, a zelar ainda que a contragosto? é PAI relapso?(p.38).

Ehad é o marido morto de Hillé. Antes mesmo da morte de seu esposo, a mulher muda-se para o vão da escada e põe-se a refletir.

Nessa busca pela compreensão, nessa inquietude, ela rejeita o mundo e passa a viver só. Abandona os hábitos comuns - como tomar banho e sair de casa - e passa a não ter mais relações sexuais com Ehad. Após a morte dele, ela tece divagações sobre o marido. Vida, morte, matéria, Deus, homem: tudo a inquieta.

olhe, esse teu fechado tem muito a ver com o corpo, as pessoas precisam foder, ouviu Hillé? te amo, ouviu? antes de você escolher esse maldito vão da escada, nós fodíamos, não fodíamos Senhora D?

[...]

então estou descendo, escuta, também posso foder nesse ridículo vão de escada.

Não venha, Ehad, posso fazer o café, o roupão branco está aqui, os peitos não caíram, é assustador até, mas não venha, Ehad, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é o corpo mãos boca sexo, não sei nada de você Ehad a não ser isso de estar sentado agora no degrau da escada, isso de me dizer palavras, nunca soube nada, é isso nunca soube (p.p. 22 e 23)

E o que quer dizer isso de Ehad não estar mais? O que significa estar morto? O traço, a fita mínima na bochecha pálida, o lustro encontrou outro rosto? Estar morto. Se Ehad Foi algum dia, continua sendo, se não Foi, NUNCA SERIA, mas antes de ser Ehad não era, e então depois Foi não sendo? [...] (p. 24).

Veza por outra, a Senhora D profere palavrões ou irrita as pessoas que passam em frente a sua casa. Daí ser chamada de louca, de obscena.

(...) a senhora também podia colaborar com a vizinhança né, essas caras que a senhora anda pondo quando resolve abrir a janela assustam minhas crianças, ai ai senhora D não faz assim agora, isso é coisa de mulher desavergohada, ai que é isso madona, tá mostrando as vergonhas pra mim (p. 28).

Abro a janela enquanto ele se afasta, invento rouquidões, grunhidos coxos, uso a máscara de focinhez e espinhos amarelos (canudos de papelão, pintados pregos) respingo um molho de palavrões, torpes, eruditos, pesados como calcários alguns (...) (p. 32).

O fato de a personagem decidir largar os hábitos convencionais e ir morar no vão da escada demonstra seu estado paratópico. Ora, o vão da escada é um lugar à parte e não é usual que se habite nele. Hillé, portanto, está diferenciada dos demais não apenas no plano mental - uma vez que ficou louca, uma vez que reflete e não vive apenas para exercer atividades banais -, mas também no plano físico - pois habita o lugar que não foi feito para se habitar.

Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada? você está me ouvindo Hillé? olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? nem no vão da escada, nem no primeiro degrau aqui de cima, será que você não entende que não há resposta? (pp. 18 e 19).

A não aceitação do pacto com o senso-comum é retratada em Hillé desde criança. Na passagem a seguir, ela está com a mãe e chora ao olhar dentro dos olhos dos animais. Certamente, há uma cadeia de reflexões que fazem a menina incomodar-se com o que é trivial à maioria. Tempos depois, Hillé olha o olho do homem e também se surpreende.

(...) e via perguntas boiando naquelas aguaduras, outras desde há muito mortas sedimentando aquele olho, e entrava no corpo do cavalo, do porco, do cachorro, segurava então minha própria cara e chorava
que foi Hillé?
o olho dos bicho, mãe
que é que tem o olho dos bicho?
o olho dos bicho é uma pergunta morta.
e depois vi o olho dos homens, fúria e pompa, e mil perguntas mortas (...), caminhei dentro do olho dos homens, um mugido de medo garras sangrentas segurando ouro,

(...) de seus peitos duros saíam palavras Mentira, Engodo, Morte, Hipocrisia (...)
(p.p. 30 e 31).

Como era de se esperar, as divagações da Senhora D não eram bem aceitas pelo marido Ehud, que não se acostumava com comportamento de sua esposa e tentava convencê-la a mudar

se cuidasse um pouco do teu corpo, Hillé, andas curvada
o que é corpo?
se caminhasses um pouco, por exemplo: duas vezes por dia subias e descias a pequena ladeira aqui da vila, respiravas lenta, um certo ritmo é bom quando se caminha, lembra quando caminhávamos? (p.38)

O comportamento de Hillé também não é visto com bons olhos pela vizinhança, que passa a tratá-la com escárnio e desprezo.

Podemos apreender que a tendência social é tratar como insano aquele que não pactua com as verdades comumente entendidas como absolutas. São inúmeros os casos de pessoas que tiveram suas liberdade e força de expressão cruelmente cerceadas e combatidas por serem julgadas como insanas.

Sobre esse comportamento, acreditamos que seja coerente à personagem Hillé o que Antonin Artaud, um artista francês que ficou internado em um manicômio durante nove anos, escreveu:

E o que é um autêntico louco? É um homem que preferiu enlouquecer, no sentido em que socialmente se entende a palavra, a traír uma certa idéia superior de honra humana. Eis porque a sociedade condenou ao estrangulamento em seus manicômios todos aqueles dos quais queria se livrar ou contra os quais queria se defender, pois eles haviam se recusado a acumpliciar-se com ela em certos atos de suprema sujeira. Pois o louco é também um homem a quem a sociedade não quis ouvir e a quem quis impedir a expressão de insuportáveis verdades (*apud* FRAYZE-PEREIRA. 1982, p. 11).

De fato, não há um interesse em escutar Hillé, pois ela representa as verdades que ninguém quer ouvir. Prefere-se falar de trivialidades, fechar os olhos para os problemas, para as buscas por respostas.

um dia me disseram: as suas obsessões metafísicas não nos interessam, Senhora D, vamos falar do homem aqui agora. que inteligentes essas pessoas, que modernas, que grande cu aceso diante dos movietones, notícias quentinhas, torpes, dois ou três modernos controlando o mundo, o ouro saindo pelos desodorizados buracos, logorréia vibrante moderníssima, que descontração, um cruzar de pernas tão à vontade diante do vídeo, alma chiii, morte chiii, falemos do aqui agora (p. 26).

Fica claro, então, que Hillé caminha na contramão do senso-comum enraizado em seus vizinhos.

Diante da vila, das casas quase coladas, entre as gentes sou como uma grande porca acinzentada, diante de muitos a quem conheci sou uma pequena porca ruiva, perguntante, rodeando mesas e cantos, focinhando carne e ossatura, tentando chegar perto do macio, do esconso, do branco luzidio do teu osso, diante de minha mãe fui apenas pergunta, altaneria, paradoxo, Hillé diante do pai foi o segredo, a escuta, a concha, o que é paixão? (p.29).

Suportaria o estar viva, recortada, um contorno incompreensível repetindo a cada dia passos, palavras, o olho sobre os livros, inúmeras verdades lançadas à privada, e mentiras imundas exibidas como verdades, e aparências do nada, repetições estéreis, farsas, o dia a dia do homem do meu século? (pp. 33 e 34).

Nesse momento, há uma inversão dos lugares pré-estabelecidos, e Hilst dá um ‘xeque-mate’ na hipocrisia social; pois se Hillé questiona sua condição no mundo, sua relação com o divino e com os homens, ela é verdadeiramente lúcida. E os vizinhos, que vivem existências banais, são os insanos porque não pensam.

(...) sabe Antonão, a vida é tão cheia de tranqueira, porca sapa velha, que se a gente não enche o bucho e não dá uns mergulho nos buraco das mulhé, vezenquando uns murro numas gentes, cuspidas escarradas, uma paulada no cachorro, esses descanso, se a gente não faz isso Antonão, a vida fica triste (p. 41).

Mais do que estar à parte, distante do senso-comum, a Senhora D deseja essa situação de desvio. Sua desrazão representa o pacto que ela deliberadamente recusa fazer com o senso-comum. No trecho a seguir, a personagem conversa com um padre, que a aconselha a mudar de comportamento e a acatar as expectativas da vizinhança. Ela, entretanto, manda-o embora, pois ele é como todos os outros homens.

por que não alimenta o corpo com benquerença, aceitando o agrado dos outros?

por que o corpo está morto
e a alma?
a alma é hóspede da Terra, procura e te olha os olhos agora, e te vê cheio de
perguntas
sou um homem como outro qualquer, Senhora D
então rua rua, fora, despacha-te homem como outro qualquer (p. 32).

Ainda sobre o não-pacto, há, na última página, uma frase que parece ser da própria autora, uma vez que sua formatação está em itálico, diferente do restante do livro, e que é seguida por outra frase que também faz alusão à própria Hilst, a partir da menção ao nome de sua morada.

Livrai-me, Senhor, do abestados e dos atoleimados (p. 90).

Casa do Sol, 4 de Setembro de 1981 (idem).

O pedido feito a Deus soa como um arremate final contra a estupidez e bestialidade recorrentes. Parece que Hilst concorda com Hillé sobre o não-pacto com o senso-comum.

Conclusão

Levando em consideração que há uma persistência do tema em questão na literatura de Hilst - que em 2002 declarou: “A loucura une toda a minha obra” – resolvemos nos dedicar a um estudo que contemplasse a importância da desrazão, se é que podemos chamar assim, na obra hilstiana.

Acreditamos em Becker (*apud* PÉCORA, 2010, p. 80) - a quem Hilst dedicou vários de seus livros e por quem afirmou sentir “incontida veemente apaixonada admiração” - quando afirma que cabe “considerar toda a perversão como um protesto contra a subjugação da individualidade pela padronização da espécie”.

Dessa forma, compreende-se que tudo o que é julgado pelos vizinhos como obscenidade ou loucura (e aí incluímos os palavrões que Hillé profere aos transeuntes, a

escolhida solidão e a falta de interesse por hábitos que permeiam a vida de todos, como a higienização) representa a perversão como uma forma de protesto encontrada por Hillé, que caminha na contramão da padronização causada pelo senso comum.

Pécora (2010), também apoiado em Becker, afirma que boa parte da literatura de Hilst é obscena. No entanto, é necessário compreendermos essa obscenidade como uma forma de protesto da própria autora para com os padrões sociais vigentes.

Afinal, conforme a própria autora afirma,

Sujo, obsceno, porco é saber que o País tem 40 milhões de analfabetos, 9 milhões de crianças desamparadas, 9 milhões de bóias-frias. Quando se é verdadeiramente lúcido, a vida pode ser uma experiência verdadeiramente obscena (apud PÉCORA, 2010, p.91).

A negação de Hilst frente à subjugação da individualidade, através de laivos de perversão, loucura ou obscenidade, é, talvez, o que move tantas polêmicas em torno de sua literatura (tomemos *O Caderno Rosa de Lori Lamby* como exemplo, pois causou grande desconforto literário quando foi lançado, em 1990).

Pensamos, no entanto, que o brilhantismo da obra hilstiana provém exatamente dessa radicalidade em romper padrões que já estavam tranquilamente estabelecidos. E concordamos com Queiroz (2000, p. 29), que sabiamente afirma: “Não há criação nem literatura em Hilda Hilst fora do exercício da radicalidade”.

REFERÊNCIAS

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Número 8. Instituto Moreira Salles, 1999.
Semestral. ISSN 1413-652x

CHARADEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do*

Discurso. 2 ed. 3 reimpressão. São Paulo, Contexto, 2008.

FRAYZE-PEREIRA, João A. O que é loucura. 1 ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

HILST, Hilda. *A Obscena senhora D*. 1 ed. São Paulo, Globo, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

PÉCORA, Alcir. *Porque ler Hilda Hilst*. São Paulo, Globo, 2010.

QUEIROZ, Vera. *Hilda Hilst: três leituras*. Editora Mulheres, 2000.

QUEIROZ, Vera. *Pactos do viver e do escrever*. Fortaleza, 7Sóis Editora, 2004.

ROCHA, Ruth. *Minidicionário*. 10 ed. São Paulo, Scipione, 1996.

TRANSTORNO DO PÂNICO: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS

Lívia Márcia Batista de Andrade⁵
Cleunice Santos Guedes⁶
Fernanda Greggi Visnadi⁷

Resumo: O pânico é considerado uma psicopatologia e se encontra dentro da categoria de transtornos de ansiedade. A presença do fenômeno comumente aponta para sintomas fisiológicos e cognitivos. Esses sintomas tornam a pessoa dependente de seus pares e a incapacita de viver de maneira saudável, o que resulta em significativos prejuízos psicossociais. A tradição psicanalítica tem sido a base da psicanálise contemporânea para o estudo do pânico e o ponto de sustentação da prática clínica. Esse trabalho consiste numa revisão bibliográfica que objetiva abordar o pânico segundo a perspectiva psicanalítica.

Palavras-chaves: psicanálise, ansiedade, pânico.

***Abstract:** The panic is considered a psychopathology and is categorized within anxiety disorders. Its occurrence usually suggests physiological and cognitive symptoms. These make the person dependent on their peers and disable it to live healthily, with significant psychosocial losses. The psychoanalytic tradition has been the basis of contemporary psychoanalysis to the panic study besides being the support for clinical practice. This work consists of a literature review that proposes to address the panic according to the psychoanalytic perspective.*

Keywords: psychoanalysis, anxiety, panic.

INTRODUÇÃO

De acordo com o DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - (2002) o transtorno do pânico encontra-se definido dentro da categoria de ansiedade, sendo sua característica essencial a presença de ataques de pânico recorrentes e inesperados. Nos períodos de ataques de pânico o indivíduo sente intenso medo ou desconforto causado por sintomas somáticos ou cognitivos: palpitações, sudorese, tremores ou abalos, sensação de falta de ar ou sufocamento, sensação de asfixia, dor ou desconforto torácico, náusea ou

⁵ Doutora em Psicologia pela PUC-Campinas.

⁶ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Padre Anchieta (Jundiaí-SP)

⁷ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Padre Anchieta (Jundiaí-SP)

desconforto abdominal, tontura ou vertigem, desrealização ou despersonalização, medo de perder o controle ou de enlouquecer, medo de morrer, calafrios ou ondas de calor.

Segundo o Compêndio de Psiquiatria (1991), o transtorno de pânico é caracterizado inicialmente por ataques com período de, aproximadamente, dez minutos de sintomas rapidamente crescentes. Esses sintomas geralmente são: medo extremo e uma sensação de morte e destruição iminente, sendo que, na maioria das vezes, a fonte do medo não é identificada pelos pacientes. Nestas situações os pacientes se sentem confusos e manifestam problemas de concentração e, assim, geralmente abandonam a situação e vão em busca de ajuda. Os pacientes podem também experimentar depressão e despersonalização durante o ataque. Pode-se notar a presença de sintomas fisiológicos como taquicardia, palpitações, dispnéia e sudorese. Esses sintomas podem desaparecer de forma rápida ou gradual.

O objetivo deste estudo será abordar a ansiedade segundo a psicanálise e o pânico segundo a perspectiva psicanalítica, respectivamente. Será descrita a importância da psicanálise como uma intervenção terapêutica para o paciente com transtorno do pânico, tendo em vista o benefício que a relação terapeuta-paciente revela durante a análise.

Este estudo teve como método a revisão bibliográfica da tradição psicanalítica à psicanálise contemporânea. Evolução do conceito de ansiedade em psicanálise Freud (1996), em Inibições, sintomas e ansiedades (1925-1926), trabalha o problema de ansiedade e esse constitui o seu principal tema, que sofreu consideráveis modificações com a evolução de seus trabalhos:

- a) Ansiedade como libido transformada: em 1895, Freud fez suas primeiras colocações sobre o problema da ansiedade, em seu artigo sobre neurose de angústia. Em suas descobertas clínicas de que a neurose de angústia estava relacionada com a descarga

sexual, Freud concluiu que a excitação acumulada escapava sob a forma de ansiedade.

Mas a ansiedade – que embora fique latente a maior parte do tempo no que concerne a consciência, está constantemente à espreita no fundo (...). Pode irromper subitamente na consciência sem ter sido despertada por uma seqüência de representações, provocando assim, um ataque de angústia. (Freud, 1996 p. 96).

- b) Ansiedade realística e neurótica: a teoria de ansiedade neurótica postulada por Freud era simplesmente libido transformada. Entretanto, ele sempre considerou uma estreita relação devida aos perigos externos e internos (instintuais). Assim, ele sugeriu que a ansiedade realística se dá pelo processo da psiquê se sentir incapaz de lidar com uma situação de perigo que se aproxima de fora. Na neurose a ansiedade surge como uma incapacidade de lidar com a excitação sexual que surgiu de dentro. Dessa forma, a primeira é a reação à excitação exógena e a segunda à reação endógena. Posteriormente, Freud abandonou esse ponto de vista deixando de lado a diferença genérica entre ansiedade realística e neurótica e passou a distinguir neurose automática e ansiedade como um sinal a toda situação de perigo.
- c) A situação traumática e as situações de perigo: a situação traumática é o determinante fundamental da ansiedade automática. Sendo a essência disso, o desamparo por parte do ego frente a um acúmulo de excitação, seja de origem externa ou interna. Os perigos internos sofrem mudanças com o decorrer do desenvolvimento, contudo possuindo uma característica em comum, pois envolvem a separação ou perda do objeto amado ou de seu amor. Uma situação de perda ou de separação pode, de diversas maneiras, produzir acúmulo de desejos insatisfatórios e resultar numa situação de desamparo.

- d) A ansiedade como um sinal: o ego restringe a liberação de desprazer e seu início é fixado por ele como uma defesa normal em funcionamento. Assim, o pensar serve para restringir o desenvolvimento do afeto se ligando a uma idéia substitutiva. Essa, por sua vez, dá lugar a um ligeiro desenvolvimento de ansiedade que serve como um sinal para inibir um progresso posterior (intenso) de ansiedade.
- e) Ansiedade e o nascimento: o ato do nascer é considerado como sendo a primeira experiência de ansiedade. O nascimento é visto como a fonte e o protótipo da sensação de ansiedade. Freud sugeriu que o bebê repetirá a emoção da ansiedade sentida no nascimento em situações posteriores, embora que, à medida que o ego se desenvolve, as situações de perigos antigas vão perdendo suas forças e sendo postas de lado. Pode-se dizer que cada período da vida tem seu determinante de ansiedade.

Assim o perigo de desamparo é apropriado ao período de vida quando o ego é imaturo; o período da perda do objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o período de castração, até a fase fálica; o medo de seu superego, até o período da latência. Não obstante, todas essas situações de perigo e determinantes de ansiedade podem resistir lado a lado e fazer com que o ego a elas reaja com ansiedade num período ulterior ao apropriado; ou, além disso, várias delas podem entrar em ação ao mesmo tempo. (Freud, 1996 p.140.)

Portanto, de acordo com Freud, cada situação de perigo da vida tem seu determinante psíquico e corresponde a um período ou fase particular do desenvolvimento do aparelho mental. Até certo ponto, é justificável quanto a ele, pois, na primeira infância, a pessoa não está preparada psiquicamente para lidar com imensas somas de excitação que lhe sobrevêm, tanto de fora quanto de dentro.

Em seu trabalho sobre a neurose de angústia, Freud descreve a ansiedade como sendo a libido transformada. Porém, em inibições, sintomas e ansiedades, ele revê seus conceitos e afirma que:

Foi a ansiedade que produziu a repressão e, não como eu anteriormente acreditava, a

repressão que produziu a ansiedade. (...). É sempre a atitude de ansiedade do ego que é a coisa primária e que põe em movimento a repressão. A ansiedade jamais surge da libido reprimida. (...) A descrição seria correta, existindo, indubitavelmente, uma correspondência da espécie afirmada entre a força do impulso que tem de ser reprimida e a intensidade de ansiedade resultante. (Freud, 1996 p. 111.)

Nesta época Freud percebe que a ansiedade é a essência da fobia, e que vem não da repressão, ou seja, dos instintos libidinais dos impulsos reprimidos, como ele considerava anteriormente, mas do próprio agente repressor (ego). Dessa forma, a ansiedade é a causa da repressão, é uma reação afetiva por parte do ego ao perigo. Portanto, nos casos de fobias de animais Freud enfatiza que a ansiedade não difere em aspecto algum da ansiedade diante de um perigo real (ansiedade realística). A única diferença é que, na primeira, seu conteúdo é inconsciente e aparece consciente sob a forma de distorção.

A conclusão que Freud chega através de sua prática clínica, e que ele descreve em seu trabalho sobre inibições, sintomas e ansiedade, é que a última consiste numa reação a uma situação de perigo (ainda que de forma disfarçada) e é remediada pelo ego. Dito de outra maneira criam-se sintomas com o intuito de evitar o suposto perigo cuja presença é assinalada pela geração de ansiedade. Sintetizando, há indícios de que a ansiedade aparece originalmente como uma reação a uma situação de perigo, e a mesma se reproduz sempre que situações dessa espécie se repetem.

Melanie Klein (1991) sugere que a ansiedade surge de três modalidades:

- a) Posição esquizoparanóide: aponta para a existência de um superego primitivo e cruel que faz ameaças de aniquilamento ao ego.
- b) Posição depressiva: aponta para um considerável sofrimento psíquico, o qual representa uma ameaça de aniquilamento dos objetos bons internalizados.
- c) Posição confusional: aponta para um apelo do ego a um excessivo uso de identificação projetiva.

Melanie Klein (1986) formula a hipótese de que a ansiedade é originada do perigo que ameaça o organismo em decorrência do instinto de morte e sugere que essa é a causa primária da ansiedade. Segundo a autora, existe no inconsciente um medo de aniquilamento da vida e, se pressupormos a existência de um instinto de morte, suporemos que existe uma reação a esse instinto, na forma de medo de aniquilamento. O perigo que resulta do instinto de morte é a primeira causa de ansiedade e, como a luta entre os instintos de vida e de morte são persistentes ao longo da vida, a fonte de ansiedade nunca é eliminada, tornando-se um fator presente em todas as situações.

Segundo Klein, para analisarmos a ansiedade primária – o medo de aniquilamento – devemos considerar a impotência do bebê diante de perigos internos e externos. A situação primária de perigo resulta da atividade interna do instinto de morte, e é sentida pelo bebê como um ataque esmagador, como uma perseguição. Klein supõe que a luta entre os instintos de vida e de morte ocorre já durante o nascimento, e acentua a ansiedade persecutória provocada por essa experiência dolorosa, a qual dá ao mundo externo um aspecto hostil, pois o primeiro objeto externo, o seio materno, torna-se um objeto frustrador. Dessa forma, o bebê sente que a frustração pelo seio materno implica um perigo de vida, e projeta seus impulsos destrutivos no seio. Ou seja, coloca para fora o instinto de morte, e assim, agride o seio.

De acordo com Klein (1991), certas perturbações psíquicas nos adultos baseiam-se na ansiedade persecutória dos primeiros meses de vida, pois a essência dos medos de perseguição do indivíduo perturbado é o sentimento de que existe algo hostil que vai causar-lhe sofrimentos, danos e aniquilamento. Portanto, o medo persecutório desses indivíduos é originado do medo de aniquilamento do ego pelo instinto de morte.

Em suma, Melanie Klein afirma que o instinto de morte é o fator primordial na causa da ansiedade, e também considera que o objeto primário contra o qual os impulsos destrutivos se dirigem é o objeto da libido. Portanto, a interação entre a agressão e a libido é o que causa a ansiedade.

Bion (apud Zimmerman, 1995), partindo do conceito de identificação projetiva de Klein, postula que para todo conteúdo projetado deve haver um continente receptor.

Bion (apud idem, 1999) sugere que no início da vida há uma angústia denominada terror sem nome, a qual é vivenciada pelo indivíduo antes desse adquirir o conhecimento dos símbolos (linguagem). Quando o bebê projeta para dentro da mãe suas angústias e a mãe falha em acolhê-las, as mesmas retornam para o bebê e desta vez podem vir acrescidas das angústias da mãe sob a forma de um terror que o ego imaturo não tem condições de significar e nomear; daí o termo “terror sem nome”.

Em relação à função continente-conteúdo de Bion é importante ressaltar que o conter significa acolher, decodificar, significar e devolver de forma adequada e nomeada. Ou seja, quando a mãe funciona como um continente exitoso, ela acalma o bebê.

Bion traz também o termo *rêverie* que, segundo ele, designa uma condição pela qual a mãe, como que num estado de sono, capta o que se passa com o bebê. Segundo o autor, a condição *rêverie* (componente α da mãe) é capaz de colher as identificações projetivas do filho (componente β), independentemente de elas serem percebidas como boas ou más. Em suma, a função *rêverie* é a capacidade da mãe de fazer ressonância com o que lhe é projetado.

Winnicott (apud Zimmerman, 1999) em conformidade com os pensamentos de Bion sugere que no início da vida há uma forma de angústia impensável, pois até então não houve a apropriação de símbolos. O autor também reconhece como sendo de grande valor as

contribuições de Klein a respeito das fantasias iniciais da vida do bebê, bem como as ansiedades primitivas.

Em sua teoria, Winnicott descreve a importância do papel da mãe no desenvolvimento do bebê. Para ele, a “mãe suficientemente boa” é aquela que se adapta ativamente às necessidades do bebê e se identifica com ele a ponto de sentir e satisfazer as suas necessidades como um processo natural.

Winnicott (apud Pereira, 2008) diz que a mãe tem um papel fundamental na constituição de uma “área de ilusão” que se interpõe entre o bebê e o mundo real, e a ausência de uma relação contínua entre o bebê e a mãe suficientemente boa acarreta um estado de angústia no bebê. A mãe tem como tarefa essencial ajudar a criança a constituir esta área de ilusão primitiva que lhe permite suportar sua própria existência. Para o bebê, o confronto direto e precoce com sua própria condição de desamparo tem um caráter traumático. A primeira apreensão do mundo por parte da criança deve acontecer apenas sobre uma base de ilusão de sua própria onipotência e completude e, para que isso aconteça, o papel da mãe é fundamental, pois se houver falhas da mãe em sustentar as ilusões de onipotência do bebê, poderá ser instaurado um processo de desilusão na criança.

Winnicott (apud Trinca, 1997) sugere que o olhar da mãe transmite vida ao bebê e, quando falta esse olhar, o bebê se priva da representação viva de si mesmo e do mundo, e então busca no mundo externo aquilo que lhe falta na relação com o interno. Ou seja, busca no outro o preenchimento que lhe falta.

Winnicott sugere que existe uma experiência de nascimento que não é traumática, considerada como uma experiência de nascimento normal, e supõe a existência de dois graus de nascimento traumático:

- a) Comum: quando os efeitos podem ser amplamente anulados por um bom manejo subsequente.
- b) Traumático: quando é difícil de ser neutralizado (mesmo que o bebê seja tratado de maneira mais cuidadosa) e deixa uma marca permanente no indivíduo.

Segundo Winnicott (1988), as bases da saúde mental são assentadas entre o primeiro e o quinto ano de vida da criança, e é nesse período que se encontra o núcleo da psicose. Entre 4 e 5 anos de idade, os desejos e medos associados à sua posição com relação aos pais ou substitutos tornam-se menos intensos. Só por volta dos 10 e 11 anos a criança começa um novo desenvolvimento emocional, com base no padrão de desenvolvimento emocional anterior (5-6 anos), porém, agora, com o poder de fazer na realidade o que anteriormente só conseguiria fazer na fantasia e no jogo.

De acordo com Zimmerman (1999), Klein enfatiza demasiadamente o mundo interno da criança. Já Winnicott, apesar de considerar a relação da mãe com o bebê, acaba valorizando enfaticamente o ambiente. E Bion de forma equitativa considera ambos os aspectos: internos e externos. Apesar das particularidades desses teóricos, suas teorias se complementam e fornecem indispensável suporte para o estudo dos problemas de ansiedade, como o transtorno do pânico.

TRANSTORNO DO PÂNICO SEGUNDO A PSICANÁLISE

Na literatura psicanalítica contemporânea pode-se notar a importância que as formulações de Freud representam para o estudo do pânico, principalmente as que se referem à neurose de angústia. Entretanto, é preciso tomar certo cuidado para não confundir a angústia, propriamente dita, com o transtorno do pânico, pois ainda que se explique o pânico através das postulações freudianas sobre a angústia, torna-se conveniente que se faça uma

distinção entre ambos. Segundo Zimerman (1999) um dos motivos pelo qual o termo neurose de angústia está em desuso na atualidade é o de se evitar que o mesmo não se misture com o transtorno do pânico e com outras neuroses atuais. De acordo com o autor, só pode ser caracterizado transtorno do pânico um quadro que consista em episódios repetitivos de angústia. Portanto, o pânico não é a angústia propriamente dita, mas precisamente a ocorrência freqüente da mesma.

Fenichel (apud Pereira, 2008) introduz no processo neurótico o desenvolvimento do pânico. Segundo ele, o pânico não pode ser considerado um fenômeno simples como uma manifestação direta da descarga de angústia. Ao contrário disso, o pânico é um sinal de angústia malogrado. O autor considera o pânico como um fracasso do eu e relaciona o fenômeno com o sentimento de culpa. O eu fracassa no controle do sentimento de culpa e esse se torna transbordante ao ponto de desencadear o pânico.

De acordo com Ferenczi (apud idem, 2008) o aparelho psíquico compreende várias instâncias diferentes que se interagem de forma mútua e hierarquicamente organizadas. Essas instâncias são coordenadas por uma instância central e o sucesso da organização depende dessa instância chefe. Para ele, a instância chefe é o núcleo do eu. O autor sugere que o pânico consiste numa demasiada liberação de afeto causada pela perda da referência a este núcleo, pois, se por algum motivo o elemento de agregação das instâncias psíquicas subitamente desaparecer, a liberação de energia libidinal, até o momento ligada, aparecerá sob a forma de pânico.

Portanto, o pânico corresponde à desintegração das instâncias psíquicas; cada instância é representada por laços libidinais das relações de amor, e esses laços, ao decorrer do desenvolvimento, dão referência à instância chefe – eu. Quando os laços libidinais são

rompidos, o eu, conseqüentemente, perde sua referência. Quando isso acontece, o indivíduo perde o contato consigo mesmo e na ausência desse contato instala-se o pânico.

Trinca (1997) descreve fobia e pânico em seu estudo sobre a personalidade fóbica.

A personalidade fóbica expressa um modo particular e específico de a pessoa adoecer psicologicamente; mas também corresponde a uma forma de ela ser e de se manifestar, em virtude de uma dinâmica inconsciente peculiar. Quando a personalidade fóbica apresenta, a aparente heterogeneidade das variáveis presentes tende a apontar para uma configuração relativamente definida de fatores e para um conjunto de padrões relativamente estáveis. Ao atingirem um sistema de persistência, podemos com boa margem de segurança fazer a identificação clínica. Para isso devemos procurar a constelação de fenômenos psíquicos que, em última instância, têm a ver com o estado de fragilidade no self. (Trinca, 1983 e Trinca, 1984, apud Trinca, 1997 p.21)

Obviamente, não se pretende, neste trabalho, realizar um aprofundamento sobre a personalidade fóbica, mas apenas familiarizar o leitor com o pensamento de Trinca; ou seja, de como, dentro dessa dinâmica da personalidade fóbica, ele descreve o transtorno do pânico.

Segundo o autor, o pânico tem sua origem no núcleo do *self*, como resultante da fragilidade do mesmo. A pessoa que apresenta o pânico sente uma perda de contato com fontes profundas da vida emocional e põe em marcha uma ação de auto desestabilização amplificada sobre a forma de esvaziamento do *self*. Portanto, o pânico ocorre nas rupturas *intraself*, já que há uma insuficiente relação com a estrutura interna e, por conseqüência disso, o paciente tem a percepção de tudo se arruinar e desabar.

No pânico a pessoa coloca-se diante de um perigo avassalador, sentido como morte iminente. Sendo imposto como uma catástrofe, a pessoa experimenta correr o risco da morte psíquica por dispersão, sufocamento, paralisção, vácuo e dissolução na inexistência. Nele tudo parece ruir. Nada fica no lugar, porque o fóbico atinge um ponto culminante no abismo da incomunicabilidade consigo (...). O pânico ocorre no contexto do agravamento da personalidade fóbica. (Trinca, 1997 p.85-86)

O autor ressalta que na personalidade fóbica a relação com a realidade interna e externa fica comprometida; há um comprometimento com a realidade psíquica. A pessoa não consegue lidar consigo mesma e se percebe como detestável, com um esvaziamento interno. Quando esse esvaziamento interno alcança o *self* com totalidade, desencadeia o pânico.

Pereira (2008) sugere que entrar em pânico é se perceber numa condição de desamparo. Segundo ele, o indivíduo durante um ataque de pânico se esforça para não se deixar levar para a morte. Assim, o pânico é experimentado várias vezes como um esforço de se ter um domínio sobre ela, considerando-se que, ao se aproximar daquilo que é inominável e imortal, o aparelho psíquico reage com pânico.

Apesar da paisagem de desabamento da linguagem e de aparente abandono rumo à morte, o pânico já constitui por si só um esboço de trabalho de simbolização, uma tentativa para introduzir um ponto de parada nessa tendência vertiginosa a perda de si num estado fusional sem saída. (...) Na verdade, o pânico constitui um nível mínimo de tentativa de apreensão subjetiva da morte-própria, ainda que seja no plano corporal. (Pereira, 2008 p. 168,169.)

De acordo com o autor, o sujeito com pânico comporta desesperadamente a fim de se manter desperto diante da ameaça extrema. O pânico tem o potencial de fornecer uma ancoragem simbólica à vida pulsional. Porém, ao mesmo tempo a desfigura e oculta. O indivíduo em pânico resiste da forma que lhe é possível contra o seu próprio abandono; portanto, o pânico o situa do lado da vida. Seguindo esse raciocínio, o pânico de certa forma, tem o poder de elaboração psíquica, pois apesar da tentativa de escapar do inominável, constitui a marca que não pode ser negada do reconhecimento da própria existência, tendo em vista o risco de perdê-la; de forma simplista, não se perde o que não se tem. Dessa forma, entrar em pânico é entrar em contato com a dimensão imediata da existência psíquica, é a única forma de ancoragem que o indivíduo encontra em sua vida mental. A experiência do pânico fornece ao indivíduo a garantia de que há algo verdadeiro que certifica sua existência.

Segundo Winnicott (apud Pereira, 2008) o pânico compreende a forma de defesa extremada contra “as agonias primitivas”. Partindo desse ponto de vista, o pânico é uma tentativa desesperada de impedir que se instaure o inominável. Assim, supõe-se que o indivíduo que entra em pânico não foi preparado no início pelo processo de desilusão; por

consequente, não tolera a falta de proteção e garantia, e agora se encontra desesperadamente confrontado com a própria incompletude caracterizada pela falta da figura materna.

A falta do *holding* materno desencadeia no bebê uma terrível sensação que é experimentada no plano psíquico e corporal. Esse sofrimento em épocas primitivas não pode ser posto em palavras. Por isso, ele se caracteriza pela sensação de cair sem parar ou de vagar pelo espaço, e a perda de existir no próprio corpo. Desse modo, o eu é obrigado a instalar urgentemente as primitivas defesas a fim de alcançar um mínimo de organização. A esse tipo de experiência na primeira infância Winnicott dá o nome de catástrofe psíquica. Supostamente, o pânico ocupa um lugar intermediário entre a angústia semiotizada e a queda em estados insuportáveis e impensáveis das agonias primitivas.

Trinca (1997) sugere que o pânico é o tênue fio de contato para vida, pois o pavor que é encontrado quando se sente que está caindo no vácuo é a única realidade que subsiste. Geralmente, o indivíduo afirma que nele existe um buraco. Porém, o que parece existir é o “nada”; o ser parece existir apenas no plano objetivo e não no plano da vivência. Resta, então, o pânico como prova de uma existência. Através de ataques sistemáticos os vínculos internos se rompem e, dessa forma, o indivíduo vai se alienando de si, já que as bases do existir vão se retirando. Em contrapartida, aparece o medo de perder todas as ligações internas e de se afundar no buraco negro. Assim começa o processo do pânico. Em outras palavras, na passagem à suposta inexistência resta ao indivíduo o pânico.

A Importância da PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA no tratamento do pânico

Partindo do conceito da transferência podemos deduzir que as angústias e medos que envolvem o paciente com pânico se manifestam na terapia e se direcionam ao analista: o paciente transfere para o terapeuta suas angústias, seus medos e ansiedades. O segundo,

portanto, funciona como um continente que, conforme Bion (apud Zimmerman, 1995), irá conter as ansiedades (conteúdo) do paciente. Assim como a função de continente da mãe é um recipiente das angústias do bebê, analogamente ocorre entre o terapeuta e seu paciente.

Bion (apud Zimmerman, 1999) afirma que a transação entre o continente e conteúdo é processada através das identificações projetivas, conceito usado por M. Klein (1955).

A identificação projetiva está ligada a processos de desenvolvimento surgidos durante os três ou quatro primeiros meses de vida (a posição esquizo-paranóide), quando a cisão está no auge e predomina a ansiedade persecutória. (...) Outras defesas que surgem nesse estágio são idealização, negação e controle onipotente de objetos internos e externos. Identificação por projeção implica uma combinação de excisão de partes do self e da projeção dessas em (ou melhor, para dentro de) outra pessoa. (Klein, 1991 p. 172)

Segundo Bion (apud Zimmerman, 1995) a função continente da mãe/analista em relação ao conteúdo do bebê/paciente corresponde em acolher, conter, decodificar, elaborar e devolvê-las em doses apropriadas, devidamente nomeadas e significadas. Se essa função continente falhar (ou seja, quando a ansiedade do bebê/paciente não é reconhecida pela mãe/analista) o bebê/paciente adquire um terror sem nome. Através da escuta do analista – atenção flutuante análoga à condição *rêverie* da mãe – o mesmo poderá conter, durante algum tempo, as identificações projetivas do paciente e, posteriormente, devolvê-las desintoxicadas e amenizadas. Sendo assim, se torna indispensável que o analista tenha essa capacidade de conter as dúvidas, angústias e até mesmo o vazio do “não saber”. Através dos efeitos contratransferenciais o analista pode sentir o que se passa no interior do paciente (empatia), pois assim poderá interpretar esse conteúdo, dando significados aos medos e temores até então desconhecidos (inconscientes).

O paciente com transtorno do pânico sente algo muito semelhante ao terror sem nome que o bebê vivencia antes de adquirir os símbolos (palavras), pois tais pacientes sentem ansiedades, medos e angústias que se manifestam por sintomas fisiológicos como tremores,

sudoreses etc. No entanto, não conseguem descobrir o porquê de seu sofrimento, não conseguem nomeá-lo e, por conta disso, sentem uma sensação de aniquilamento e de morte. Segundo Trinca (1997) esses pacientes se sentem desamparados diante do perigo de catástrofes psíquicas. Assim, qualquer situação nova é tomada como ameaçadora e angustiante. O sentimento de ameaça durante essas situações – dissipação do *self* – pode atingir proporções tais que é vivido pelo paciente como um verdadeiro buraco negro.

Entretanto, se tais pacientes encontram na análise um continente que contenha suas ansiedades, o processo de elaboração pode aparecer.

Do ponto de vista clínico, a possibilidade de que, muitas vezes, uma angústia catastrófica (forte sofrimento psíquico em um estado de confusão, depressão, sensação de estar perdido e piorando, etc.) surge no curso da análise, quando importantes mudanças psíquicas estão começando a acontecer no paciente. (Zimerman, 1999 p.128)

Segundo Trinca (1997) durante a análise do paciente com pânico o terapeuta apontará as manifestações de dissipação do *self* para que o paciente perceba que a passagem à inexistência constitui uma perspectiva mental (esses pacientes não conseguem confiar em sua própria capacidade mental) que, negando a existência, promove rupturas com o ser e com a vida. Segundo o autor, na análise do pânico deve-se observar a facilidade com que o paciente, na relação com seu interior, faz usos de tarefas de supressão, desvinculação, invalidação e ruptura, o que acarreta graves efeitos de esvaziamento e aniquilamento do ser. Se tal paciente conseguir, durante a análise, perceber a forma como ele usa para se relacionar consigo, o mesmo terá grandes oportunidades de conhecer o sistema mental utilizado por ele mesmo para solapar suas próprias bases psíquicas.

Quando o paciente se encaminha ao pânico, é possível acompanhar na análise alguns passos do processo: ataques a mente, ambivalência, confusão mental, invalidação, esvaziamento, inexistência, pânico. Nesse encadeamento, conhecendo o sistema como um todo e os mecanismos de cada fase, o analista muitas vezes tem condições de interferir para que o processo não prossiga. (Trinca, 1997 p. 103)

O terapeuta, na função continente, tem a tarefa de proporcionar ao paciente a supressão de possível falta que esse teve, no início de sua vida, na sua relação com a mãe (cuidador). Quando a mãe, por alguma razão, não foi capaz de representar ao bebê o papel de espelho, o mesmo não pode se identificar como um ser independente do outro e, por isso, existe a necessidade de ser reconhecido durante a análise. Portanto, o terapeuta tem o papel de ser esse espelho para o paciente.

Segundo Trinca (1997) quando desde o princípio o olhar e a ressonância materna foram insuficientes para alcançar o profundo do ser, o mesmo permaneceu na angústia de não existir. Assim, a sua interioridade se tornou opaca e cega, e a pessoa se tornou indefesa desde então. Quando não existe comunicação da pessoa com seu interior, há um desespero, um vazio, e a falta de sustentação interna a leva ao pânico.

Daí, a importância do papel do analista.

Cabe ao psicanalista a delicada tarefa de reconhecer e suplementar as eventuais falhas que, desde criança, o paciente teve em uma ânsia por sentir-se acolhido, contido, compreendido e, especialmente, em ser reconhecido nas suas manifestações de ilusão onipotente, de amor e de agressividade, que são inerentes aos processos de diferenciação, separação e individuação. (Zimmerman, 1999 p. 169)

Segundo Etchegoyen (2004) a atitude do analista frente às necessidades do analisando se entende por função diatrófica, i.e., um fenômeno contratransferencial completamente adequado às necessidades do paciente. O paciente sente a necessidade de um suporte do ego e o analista tem a função de ser um ego auxiliar para o mesmo. Seguindo esse raciocínio, podemos deduzir que, quando o paciente sente que existe alguém no ambiente capaz de suportar suas ansiedades, ele também, em algum momento, se sentirá capaz e isso pode acontecer através do processo de projeção-introjeção.

A experiência de uma base externa estável e acolhedora tende a fazer crescer a autoconfiança do paciente para a aproximação ao seu mundo interno. Quem vive sem poder se representar plenamente vivo, por não encontrar ressonância interior, precisa de alguém que o ajude a dar forma aos caos dolorosos, integrando as

experiências de existir. (Trinca, 1997 p. 114)

Na análise, o paciente com pânico tem a oportunidade de encontrar esse suporte capaz de conter suas projeções (ansiedades). Segundo Klein (1991) a projeção que acontece desde o início, nas primeiras relações do bebê – originada da reflexão da pulsão de morte para fora – ajuda o ego a superar a ansiedade. O mesmo acontece com a introjeção de objetos bons, que também ajuda o ego a combater suas ansiedades. Quando o paciente é capaz de introjetar o objeto “bom” (a figura do analista que foi capaz de conter seus anseios), encontra um ponto de sustentação interior, ao qual poderá recorrer quando necessitar. De acordo com Klein (1991) a introjeção do objeto bom/mãe é importante para o processo de desenvolvimento normal do bebê. De modo análogo, podemos deduzir que a introjeção do objeto bom/analista durante a análise é indispensável para o processo de reestruturação da personalidade.

Considerações finais

Podemos concluir nossa argumentação enfatizando a importância que o processo terapêutico psicanalítico representa ao tratamento do pânico, levando em consideração a relação analista-paciente e o significado dessa relação para o processo de cura.

Por fim, entender a importância da psicanálise como uma intervenção terapêutica no tratamento do pânico é prevenir o risco de se ater apenas aos sintomas fisiológicos e cognitivos, e partir em busca das causas.

REFERÊNCIAS

COMPÊNDIO DE PSIQUIATRIA – *Ciências Comportamentais/Psiquiatria Clínica*. 6ª Edição. Porto Alegre. Artes Médicas Sul Ltda., 1991

DSM IV TR *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4ª Edição. Porto Alegre: ARTEMED, 2002.

ETCHEGYEN, R. Horácio. *Fundamentos da técnica psicanalítica*. 2ª Edição, Porto Alegre, Editora Artmed, 2004.

FREUD, Sigmund. *Sobre os fundamentos para destacar da neurestemia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”*. In: _____. *Obras completas de Sigmund vol. III (1893-1899)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Inibições, sintomas e ansiedade*. In: _____. *Obras completas de Sigmund vol. XX (1925-1926)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1991.

_____. *Sobre a teoria de ansiedade e culpa*. In: _____. *Os progressos da psicanálise*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo. Editora Escuta, 2008.

TRINCA, Valter. *Fobia e pânico em psicanálise*. São Paulo: VETOR, 1997.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

_____. *Bion da teoria à prática: uma leitura didática*. Porto Alegre: ARTES MÉDICAS, 1995.

WINNICOTT, Donald W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A., 1988.